

A ASSOCIAÇÃO FUGIU-NOS DOS DEDOS

1 INDO RÁPIDAMENTE PELO INTERIOR ALGARVIO EM JEITO DE COMEÇO

por Carlos Albino

De facto as nossas perspectivas variavam. Eramos três naquela tarde. Sem ousadia e sem preparos partimos de Loulé vila-canção. Partimos à procura no Algarve. E à procura de quê? Nossas perspectivas variavam: dois poetas à busca de «músicos» que viessem tocar e não fossem calados, de «mulheres que viessem amar» e não fossem o diabo... A outra perspectiva: questões sociais, o trabalho, os problemas humanos.

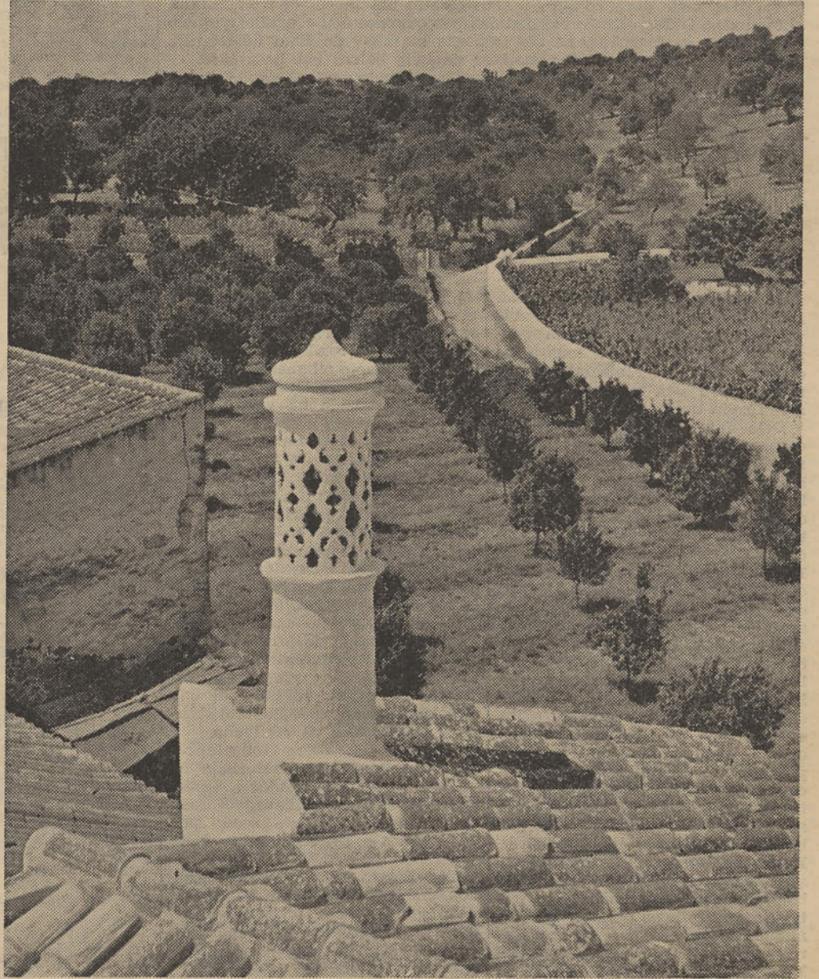
A beira de São Brás de Alportel as moças vieram para a estrada sentadas nos muros e nos pontões, porque ao domingo a associação fugiu dos dedos. Os moços desali-

nhavam os olhos em piroetas de suas motos brilhantes; os homens de chapéu de aba negra, mãos nos bolsos, resíduos de colete, ali estavam pèzinho no lancil, cigarrito ao canto da boca. Alguns na taberna entusiasmados. Porque a associação fugiu-nos dos dedos. O polícia da estrada, assistia, no centro do largo, fardado sem nódoa, imóvel como o poeta reduzido a olhos, boca e nariz de bronze. São Brás de Alportel: a associação fugiu-te dos dedos. O que é feito do outrora elitizante clube 1.º de Dezembro? O que é feito agora da Sociedade 1.º de Janeiro? O encontro virtual é ali no Café Regional ou no baile.

De resto o teatro emigrou e emigrou também uma mentalidade educativa. «Há uns quatro anos fizeram teatro; este ano tentou-se mas nem havia vontades nem os pais deixam». Disse-nos uma jovem

(Conclui na 8.ª página)

Panorama típico do Algarve



Foi inaugurada a Clínica Psiquiátrica de S. Brás de Alportel

Em S. Brás de Alportel, foi inaugurada a primeira clínica psiquiátrica do Centro de Saúde Mental de Faro, que serve vasta zona do nosso distrito e ainda do Baixo Alentejo.

Presentes ao acto o dr. Fernando Ilharco, director do Instituto Psiquiátrico, em representação do secretário de Estado da Saúde e Assistência; o governador civil do distrito, dr. Manuel Esquivel; o bispo do Algarve, D. Júlio Tavares Rebimbas; o dr. Manuel da Silva, director do Centro de Saúde Mental de Faro; os presidentes das Câmaras Municipais do distrito; o chefe de gabinete da Assistência Clínica do III Plano de Fomento, médicos, provedores de diversas Misericórdias e outras individualidades.

Cortou a fita da inauguração, o dr. Fernando Ilharco, após o que se realizou uma sessão, na qual o dr. Manuel da Silva, agradeceu o apoio recebido para a efectivação desta obra. Recordou a acção do governador civil cessante, o falecido dr. Joaquim Romão Duarte, que muito contribuiu para tornar realidade a iniciativa. O sr. Francisco Custódio Pereira, provedor da Misericórdia de S. Brás de Alportel, teste-

(Conclui na 5.ª página)

ALGARVE FILHO OU ENTEADO?

Quando se fala de promoção turística, do desenvolvimento que esse sector tem assumido, do movimento de opção que tem atraído tanto estrangeiro, não podemos deixar de reconhecer que um profundo despeito e uma descarada emulação surge da parte de outras províncias e regiões que, naturalmente, se sentem detentoras do monopólio da preferência turística.

Infelizmente para esses despedatados e muito felizmente para nós, algarvios, esse movimento não se fundamenta em razões de carácter subjectivo ou de atracção de meios criados pelo homem e como tal sujeitos a influências e opções publicitárias, mas de uma nítida e substancial preferência pela amenidade do nosso clima, pela beleza das nossas praias, pelo rendilhado

da nossa costa e estes primores não nos pode ninguém tirar nem empanar, por melhores argumentos e sugestões que se engendrem ou imaginem. E a resposta aí está clara e limpa na afluência aos hotéis, aos muitos hotéis de que já dispomos, às múltiplas vivendas que se tem construído, à preferência pelo nosso aeroporto que re-

(Conclui na 6.ª página)

NA HORA DE PRESTAR CONTAS

O MUNICÍPIO DE LAGOA VIU AS SUAS RECEITAS SENSIVELMENTE AUMENTADAS EM 1969

PELO relatório da gerência de 1969 da Câmara Municipal de Lagoa, verifica-se que a receita no ano findo (6 409 628\$20), foi superior em 967 contos à de 1968 e em 2 748 contos à de 1967. Por sua vez as despesas em 1969 atingiram 6 496 963\$10, ou seja mais 966 contos que em 1968 e mais 2 978 contos que em 1967.

Os encargos com a assistência foram em 1969, de 303 677\$10, menos 11 contos que em 1968 e mais 76 contos que em 1967 e os da instrução andaram no ano findo por 87 contos, sendo ligeiramente superiores aos de 1967 e 1968.

O Município despendeu no ano findo 74 427\$70 em obras sem participação do Estado, de entre as quais avulta a reparação do edifício dos Paços do Concelho, que importou em 44 525\$70, tendo promovido as seguintes obras participadas, com as quais se indicam as verbas nelas despendidas em 1969:

Abastecimento de água a Porches e Sr.ª da Rocha, 1 610 036\$70; reparação de arruamentos em Carvoeiro, 330 000\$00; idem da Rua D. Sancho II, em Estômbar, 40 000\$00; construção da rede de esgotos da zona ocidental, 582 372\$; idem da rede de esgotos de Carvoeiro, 30 000\$00; construção da E. M. 530 — da E. N. 125 Parchal à E. N. 269-1 (Armação de Pêra), 6.ª fase, 30 000\$00; idem, 7.ª fase, 169 447\$50; reparação do C. M. de Lagoa a Sobral, por Cercas e Lameiras, 3.ª fase, 49 217\$90; repara-

ção dos estragos causados pelo sismo de 28-2-1969 em edifícios municipais, 159 611\$50; levantamento do litoral do concelho, 32 105\$40.

EMIGRANTES

por José Amaro D. Domingos

ATRAS havia o cinzento, havia a montanha, havia o sol pouco, o recorte do céu, árvores. Fevereiro, amendoeiras. Havia flor. Casas pequenas brancas perdidas na periferia da cidade. Lisas modestas sem flores. A sua bata branca saiu do carrinho de mulas, primeiro a cabeça, seios, livros, mão. Uma cara morena: o Algarve é sol, Faro arde, o meio. O rosto tinha campo, criado no campo, insuflava campo. Vinha do cinzento, da montanha atrás, do céu recortado, do caminho de mulas. Vestia bata branca, livros na mão. E a cara era campo. Um dia, da casa pequena lisa modesta branca partiu-lhe o pai: Depois da açorda não havia lareira na noite igual. Só irmãos e mais. Mais, muitos. Só a mãe cosia, no rosto as palavras. Madruga ele abalava, noite, enzada, chapéu, magreza, alto. Abalava e vinha, a noi-

te a ser. E açorda e silêncio e a mãe que cosse. Francisco chora, os anos não sabem e chora. «Quer que»

(Conclui na 8.ª página)

NOTA da redacção

O GOVERNO anunciou que vão ser despendidas verbas importantes em novos troços de auto-estradas. Ainda não é desta vez, porém, que vemos concretizado o velho sonho da auto-estrada para o Algarve. Apenas o problema é aflorado, visto um dos projectos constituir um dos acessos a essa via que um dia virá ser de principal importância nas ligações com a nossa Província.

Chamemos-lhe a «Auto-Estrada do Sol», a exemplo da que existe em Itália e que liga o norte com o sul do país. Depois da construção dessa via rápida, espécie de espinha dorsal italiana, qual não foi o desenvolvimento do tráfego e mesmo das ligações entre várias zonas!

Quando for construída a nossa «Auto-Estrada do Sol», muitos dos actuais problemas, que se levantam ao progresso turístico algarvio, ficarão resolvidos.

O acesso e os abastecimentos que o comboio e o avião não podem satisfazer, acabam por ser concretizados dessa maneira e então, sim, o Algarve ficará mais próximo da capital do país e da Europa.

O primeiro passo foi dado, o plano está feito, será necessário realzá-lo quanto antes, se quisermos encontrar o verdadeiro caminho para o desenvolvimento efectivo da nossa Província.

Tudo leva o seu tempo, decerto.

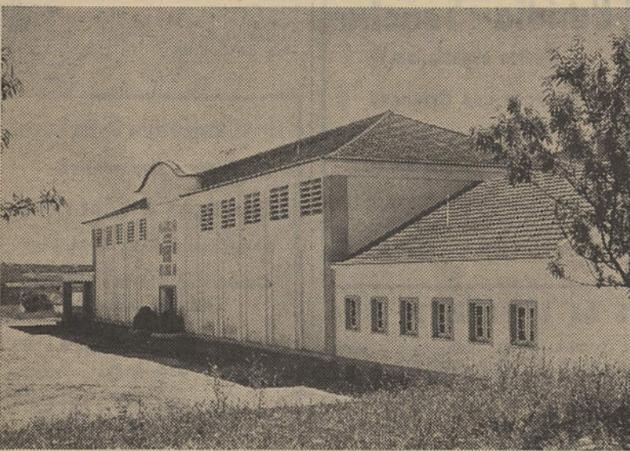
por Maria Carlota

O ALGARVE DE QUE SE FALA

resse, é hoje o Algarve um mundo do Mundo e onde, se vivéssemos agora a época das conquistas, se veriam arvoradas bandeiras das mais diversas nacionalidades, pois que, como outrora, são muitas as gentes que deixaram as suas terras e aqui se instalaram.

Esta invasão comandada, não por armas, mas por libras, dólares, marcos, etc., é, sem dúvida de qualquer espécie, apesar dos muitos factores negativos que põe ao nosso turismo, a seiva que o alimenta e o aval de um futuro, talvez ainda demorado, mas que corrente alguma impedirá se concretize. Mas

(Conclui na 6.ª página)



Fachada da Adega Cooperativa de Lagoa

A Comissão Regional de Turismo do Algarve começará a funcionar em 1 do próximo mês

O MINISTÉRIO do Interior e a Secretaria de Estado da Informação e Turismo enviaram para o «Diário do Governo» o seguinte decreto-lei:

«Tornando-se necessário assegurar a continuidade do funcionamento dos serviços de turismo no distrito de Faro, enquanto não estiverem constituídos os órgãos da região de turismo do Algarve, criada pelo Decreto-Lei n.º 114/70, de 18 de Março de 1970, e instalados os respectivos serviços;

Atendendo, ainda, à conveniência de se adoptarem algumas providências relacionadas com o regime instituído;

Usando da faculdade conferida

pela 1.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — Até 31 de Maio de 1970, subsistem, para todos os efel-

(Conclui na 5.ª página)

O dr. Alberto Iria profere amanhã uma conferência em Silves

NO salão nobre da Câmara Municipal de Silves efectua-se amanhã às 16 horas a cerimónia da entrega dos prémios aos estudantes mais classificados do concelho.

A sessão abre com uma conferência do nosso comprouvino dr. Alberto Iria, director do Arquivo Histórico Ultramarino, que abordará o tema «Silves e os Descobrimentos».

ENSINO TEMPO DE INQUÉRITO NO ALGARVE

Preparamos a segunda fase dos nossos trabalhos de inquérito: vamos ouvir os jovens estudantes liceais e técnicos, os universitários algarvios, todos os jovens que queiram falar do Ensino, da Educação.

De certo eles que nos lêem (em Faro, em Portimão, em Loulé, em Lagos, Tavira...) estão na expectativa do que o professorado algarvio e os dirigentes escolares irão dizer. E quando a segunda fase dos trabalhos se iniciar (e aí, iremos à rua, ao café, à associação...) a expectativa do mesmo professorado e dos mesmos dirigentes não será menor. Porque de facto o tempo de inquérito irá ser um tempo de sinceridade.

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

CRÓNICA DE FARO

por JOÃO LEAL



Hoje, dia grande no Bom João

há anos, era longe; ficava assim a modos de fora de portas. O Liceu veio pô-lo mais perto do coração da cidade e o crescimento desta quase que o meteu já no seu espaço central, Bairro com tradições, onde durante anos e anos existiu um sentimento de família entre todos. O desporto (o basquetebol bonjoanense deu «cartas» no meio regional) e as marchas, as tão famosas marchas do Bom João eram alguns dos mais conhecidos motivos daquele bairro em progresso.

Depois, houve uns anos de vida mais apagada. Afinal aquilo que a todos sucede, terras e homens, gentes e burgos, ou seja a crise do crescimento. Mas o Clube de Futebol «Os Bonjoanenses», azul vivo, tão azul quanto o mar que beija as suas fronteiras ao Oceano viradas, continua sendo o ponto de encontro dos mais entusiastas do Bairro e pelo Bairro.

Hoje completa 37 anos e isto quer dizer que está na fase do homem experiente, em plena forma. Pois para assinalar este 37.º aniversário foi elaborado um programa, que para nós, para toda a cidade (e por isso escolhemos a efeméride para esta crónica) tem um significado muito especial.

Dele faz parte a inauguração duma biblioteca, com 1500 volumes. Quer dizer que a partir de hoje mais um elemento válido das infra-estruturas culturais é colocado ao dispor das gentes que habitam entre a Estrada da Palmeira e a Avenida 5 de Outubro. As 17 horas inaugurar-se-á a Biblioteca «Major Vieira Branco», assim designada num testemunho de agradecimento ao presidente da edilidade pelo apoio concedido e interesse desde sempre manifestados. Pode dizer-se que a cidade tem a Biblioteca Municipal e a da Fundação Gulbenkian, que lhe fica anexa, como ainda a do Círculo e outras. Mas já pensamos bem no poder extraordinário que para a causa da cultura seria uma biblioteca em cada bairro? Que obra tão meritória não têm desenvolvidas as bibliotecas fixas e itinerantes na sua cobertura de todo o País? Pois bem, nestes nossos bairros, em sítios frequentados e para leitura domiciliária quanto não representaria a existência de mais e mais bibliotecas?

Por isso este acto grande do Clube de Futebol «Os Bonjoanenses» não o queríamos deixar circunscrito à simples notícia. Quando logo à tarde o presidente do Município cortar a fita simbólica do acto inaugural, ter-se-á aberto a alguns milhares de almas um novo suporte aos anseios culturais das gentes do nosso tempo.

Só por isto o clube em festa merecia as nossas felicitações. Mas os seus 37 anos de existência em que serviços múltiplos tem prestado à cidade, impõem um voto mais amplo de felicitações e de que a obra prosiga, crie raízes e se amplie, como todos desejamos para toda esta terra de Santa Maria, positivamente em «quarto crescente».

DESAPARECEU PIRIQUITO DE ESTIMA

Cor verde, domesticado, dá pelo nome LOLO.

Uma criança está inconsolável com o seu desaparecimento, agradecendo-se muito reconhecida à pessoa que o tenha recolhido a sua restituição, e bem assim qualquer informação sobre o seu paradeiro.

Gratifica-se no Café Portugal — Rua Brites de Almeida — FARO.

VILA REAL DE STO. ANTONIO AGRADECIMENTO



JOAO GREGÓRIO DA SILVA



Sua mulher, filha e demais família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada, bem como aquelas que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

A conferência de João Trigueiros no Município de Olhão

No salão nobre da Câmara Municipal de Olhão decorreu na noite de terça-feira a anunciada conferência do nosso dedicado colaborador sr. João Trigueiros. Integrada na série de realizações culturais que o Município olhanense tem vindo a promover, suscitou grande interesse, traduzido na vasta assistência que encheu o salão. Presidiu o dr. José de Brito Barbosa, ladeado pelos srs. Alfredo Galvão, presidente da edilidade, Antero Nobre e dr. Manuel Guita, e num propósito de grande significado, por jovens representando o Liceu Nacional de Faro, Escola Industrial de Olhão, Externato Dr. João Lúcio e Grupo N.º 6 da Associação dos Escoteiros de Portugal, daquela Vila.

A abrir a sessão usou da palavra o presidente do Município que agradeceu ao conferente o ter aceitado o convite e se referiu aos propósitos de promoção cultural que têm constituído uma das constantes preocupações da edilidade.

Depois o sr. Antero Nobre apresentou o conferente referindo os muitos serviços prestados a Olhão e ao Algarve pelo «olhanense» João Trigueiros, que não o sendo por nascimento o era em verdade pelo coração.

De «Elogio da 3.ª Idade» designou João Trigueiros a magnífica lição que a todos proporcionou e durante a qual teve a colaboração do conhecido declamador sr. Fernando de Oliveira.

Reabriu o Restaurante

A Toça do Caracol

Alcantarilha

(Junto a Armação de Pêra)

Telefone 113

ARMAÇÃO DE PÊRA

AGRADECIMENTO



MARIA DO CARMO RODRIGUES

Sua família na impossibilidade de o fazer pessoalmente como era seu desejo, vem por este meio agradecer muito sensibilizada a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, às que se interessaram pela saúde durante tão longa doença e às que de qualquer forma manifestaram o seu pesar pela sua morte.

PAULINA DA SILVA PINTO RIBEIRO

MISSA DO MÊS

Dr.ª Julieta Pinto Ribeiro, seu esposo Engenheiro Manuel Gomes Guerreiro, Maria Rosa Pinto Ribeiro, seu esposo Justino das Neves Mascarenhas, Maria Francisca Pinto Ribeiro, Fernando Pinto Ribeiro e esposa, Maria José Gutierrez Dias, Francisco Daniel e esposa, participam que se realiza no próximo dia 4 de Maio pelas 17,30 na Igreja do Pé da Cruz em Faro missa por alma de sua saudosa mãe, sogra, irmã e cunhada, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

ECOS

Partidas e chegadas

Regressou a sua casa em Sagres, com sua esposa e filha, o sr. capitão Numa Pompílio, nosso assinante em Lisboa. — Acompanhado de suas irmãs, sr.ª D. Carmem Samúdio e D. Maria de Jesus Samúdio, esteve em Vila Real de Santo António e na nossa Redacção o sr. Edmundo Brito Samúdio, nosso assinante em Almada. — Com sua esposa e filha, esteve na nossa Redacção o sr. Manuel Guerreiro, nosso assinante em Alamo do Rio.

Casamento

Na capelinha da Sr.ª da Rocha, efectuou-se o casamento da sr.ª D. Maria Margarida Lidington Mourão Ribeiro e de Manuel Maria Pires Mourão Ribeiro (falecido), com o sr. Francisco José Rodrigues dos Reis, filho da sr.ª D. Hermínia Rodrigues Cristina dos Reis e do sr. Jaime Semeado dos Reis. Apadrinharam o acto pelo noivo, sua mãe e irmão sr. Manuel Lidington Mourão Ribeiro e pelo noiva a sr.ª D. Maria do Carmo Pargana Azevedo e seu marido sr. Manuel da Cruz Azevedo. Celebrado o acto pelo pároco de Lagoa, rev. Oliveira, foi em seguida servido um copo-d'água no restaurante «Grelhas em Armação de Pêra». O novo casal fixa residência em Portimão e seguiu em viagem de núpcias para o Norte do País.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Piedade; e até sexta-feira, a Farmácia Alves de Sousa. Em FARO, hoje, a Farmácia Graça Mira; amanhã Pereira Gago; segunda-feira, Pontes Sequeira; terça, Baptista; quarta, Oliveira Bomba; quinta, Alexandre e sexta-feira, Crespo Santos. Em LAGOS, a Farmácia Ribeiro Lopes. Em LOULE, hoje, a Farmácia Pinto; amanhã, Avenida; segunda-feira, Madeira; terça, Confiança; quarta, Pinheiro; quinta, Pinto e sexta-feira, Avenida. Em OLHÃO, hoje, a Farmácia Olhanense; amanhã, Ferro; segunda-feira, Rocha; terça, Pacheco; quarta, Progresso; quinta, Olhanense e sexta-feira, Ferro. Em PORTIMÃO, hoje, a Farmácia Moderna; amanhã, Carvalho; segunda-feira, Rosa, Neves; terça, Dias; quarta, Central; quinta, Oliveira Furtado e sexta-feira, Moderna. Em S. BRÁS DE ALPORTEL, hoje, a Farmácia Montepio; amanhã, Dias Neves; segunda-feira, Pereira; terça, Montepio; quarta, Dias Neves; quinta, Pereira e sexta-feira, Montepio. Em SILVES, hoje, a Farmácia João de Deus; e até sexta-feira, a Farmácia Ventura. Em TAVIRA, a Farmácia Franco. Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, a Farmácia Carmo.

CINEMAS

Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «O homem que veio do futuro»; amanhã, «Boa noite senhora Campbell»; terça-feira, «Al que garotas»; quinta-feira, «Cidade espírita». Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, espectáculo da F. N. A. T.; amanhã, «Que rico par»; terça-feira, «Zorro e o rebelde»; e «Londres é de gritos»; quarta-feira, «Noites de outros tempos»; quinta-feira, «A lição particular»; sexta-feira, «Homens desesperados» e «Os mais também amam». Na FUSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «Não faça ondas» e «O homem que ri»; quinta-feira, «Tempo de mas-sacres» e «O tesouro oculto». Em LAGOS, no Teatro Cinema Império, hoje, «Zorro, o rebelde» e «Mosquitos»; amanhã, «07 — ao serviço de Sua Majestade»; terça-feira, «Os gloriosos calhambeques»; quarta-feira, «A morte não tem sexo»; quinta-feira, «A sombra da força». Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «A terra é tua» e «A destruição de Hércules»; amanhã, «Isadora»; terça-feira, «Bonacas de carne»; quinta-feira, «O grande ajuste de contas». Em OLHÃO, no Cinema-Teatro, hoje, em matiné, «Namu, a rainha dos mares» e em soirée, «Duelo de mortes» e «A hora dum gigante»; amanhã, em matiné e soirée, «Cantinflias as minhas pistolas» e «Flechas de fogo»; terça-feira, «A fúria de Johnny Kidd»; e «A fonte dos desejos»; quarta-feira, «Como matel Raspoutine» e «Klown»; quinta-feira, «Mayerling» e «Aventura».

AGRADECIMENTO

ARMAÇÃO DE PÊRA



MARIA JOÃO DUARTE

Sua irmã Lidia Teresa Duarte, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada e às que de qualquer forma lhe manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento.

ARMAÇÃO DE PÊRA

AGRADECIMENTO



FRANCISCO MARTINS BARRADAS

A família do saudoso extinto, na impossibilidade de o fazer directamente, por desconhecimento de endereços, a todas as pessoas amigas e conhecidas, que o acompanharam à sua última morada, vem por este meio agradecer reconhecidamente a todos os que manifestaram o seu pesar pelo seu falecimento.

AGENDA

em Junho; sexta-feira, «O circo».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Aranha negra» e «Cabrila»; amanhã, «Com a corda na garganta»; terça-feira, «Um muro em Jerusalém»; quarta-feira, «A governanta»; quinta-feira, «A morte não tem sexo»; sexta-feira, «A fúria de Johnny Kid».

Em S. BRÁS DE ALPORTEL, no São Brás-Cine-Teatro, amanhã, «O dia da vergonha» e «A pé até Paris». Em SILVES, no Cine-Teatro Silvense, hoje, «Pistoleiros do Arizona»; amanhã, em matiné e soirée, «Divórcio à italiana»; terça-feira, «Ouro de Londres»; quinta-feira, «O comandante Robin Crusoe».

Em TAVIRA, no Cine-Teatro António Pinheiro, hoje, «Com a corda na garganta» e «Este homem é perigoso»; amanhã, «No calor da noite» e «Dois anjinhos na Riviera»; terça-feira, «Furor de matar»; quinta-feira, «O bom, o mau e o vilão».

Em VILA REAL DE SANTO ANTONIO, no Cine-Foz, amanhã, «Sweet Charity» (A rapariga que queria ser amada); terça-feira, «A morte do dragão»; quinta-feira, «Divórcio à italiana».

NECROLOGIA

Manuel Estrela

Faleceu em Vila Real de Santo António, o sr. Manuel Estrela, de 89 anos, natural de Vila Nova de Caezela, viúvo de D. Laurinda Leal Estrela. Era pai de sr.ª D. Rita Augusta Estrela, D. Maria da Conceição Estrela e D. Eliete dos Santos Estrela e do sr. Humberto dos Santos Estrela e sogro da sr.ª D. Carmina de Almeida Mortágua Estrela. Durante largos anos jardineiro da escola primária masculina vila-realense, o sr. Manuel Estrela era ali bastante estimado pelos alunos e professores, que em grande número se incorporaram no funeral, o qual constituiu grande manifestação de pesar.

D. Mariana da Purificação Vicente

Em S. Bartolomeu do Sul, de onde era natural, faleceu a sr.ª D. Mariana da Purificação Vicente, de 87 anos. Era irmã do sr. José Nunes Vicente e tia das sr.ªs D. Maria da Conceição Nunes Branquinho, casada com o sr. Jacinto Branquinho da Cruz, D. Mariana de Jesus Nunes Antunes, casada com o sr. major António Rufino Antunes e D. Jesuína dos Mártires Nunes Vicente Romão, casada com o sr. Eduardo Gonçalves Romão.

D. Paulina Pinto Ribeiro

Faleceu em Faro a sr.ª D. Paulina Magna da Silva Pinto Ribeiro, de 79 anos, viúva. Era mãe das sr.ªs Julieta Pinto Ribeiro Guerreiro, casada com o sr. eng. Manuel Gomes Guerreiro, residentes em Nova Lisboa; D. Maria Rosa Pinto Ribeiro Mascarenhas, chefe da Estação dos C. T. T. de São Bartolomeu de Messines, casada com o sr. Justino Mascarenhas, proprietário, e D. Maria Francisca Pinto Ribeiro, empregada do Hotel Vasco da Gama, em Monte Gordo e do sr. Fernando Pinto Ribeiro, residente em Quelizane, e irmã da sr.ª D. Maria da Ascensão Silva Santos e do sr. Francisco Daniel, gerente da Agência do Banco Português do Atlântico, em Faro.

TAMBÉM FALECERAM:

Em MONTE GORDO — o sr. Manuel Gonçalves Bandeira, de 83 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Serafina Inácio. — a sr.ª D. Emiliana da Conceição, de 87 anos, natural de Vila Real de Santo António, viúva de José da Rosa Boteguilha. Em VILA NOVA DE CAEZELA — a sr.ª D. Rosália da Conceição Alberto, de 73 anos, dal natural, viúva de Olímpio Campinas. — o sr. António da Silva, de 65 anos, natural de Castro Marim, viúvo de D. Rosária da Silva.

Em MANTA ROTA — a sr.ª D. Ermelinda da Conceição, de 79 anos, natural de Vila Nova de Caezela, viúva de António Gonçalves.

Em LAGOS — a sr.ª D. Maria da Assunção Jorge, de 86 anos, viúva, mãe das sr.ªs D. Luísa Jorge Machado e D. Margarida da Glória Jorge, e avó da sr.ª D. Virgínia da Assunção Jorge Vasques e dos srs. José Carlos Jorge Vasques e Olímpio Jorge Bravo Vasques.

— a sr.ª D. Maria Teresa Veiga Ca-

Oferece-se

Tractorista com muita prática.

Dirigir a José Romão — Barranco do Peixe — Azinhal.

Esclarecimento

Pede-nos o nosso comprouvenciano e amigo sr. António Sebastião Martins, funcionário judicial, residente em Lisboa, que esclareçamos nada ter de comum com o indivíduo do mesmo nome, há semanas detido em Olhão e enviado a Juízo por assaltos a veículos naquela vila.

Os vidros e cristais de Portugal são admirados em todo o Mundo

Visite a exposição de vidros e cristais portugueses na CARAVELA — Vila Real de Santo António.

bral, casada com o sr. Alberto Ribeiro Cabral, mãe dos srs. José Veiga Cabral e Carlos Cabral.

No sítio dos PEGOS DOS CAVALOS (Loulé) — o sr. António Francisco Pinguinha, de 73 anos, proprietário, natural de Loulé. Era irmão das sr.ªs D. Josefa de Sousa Pinguinha, D. Gertrudes de Sousa Pinguinha, D. Maria de Sousa Pinguinha e D. Maria da Piedade Pinguinha e do sr. Francisco Pinguinha e tio da sr.ª D. Glória Pintassilgo Pinguinha.

As famílias enlutadas apresenta *Jornal do Algarve*, sentidos pésames.

O alcaide de Huelva visita hoje Portimão

A propósito da disputa, hoje, do 9.º Portimão-Huelva em Xadrez, deslocam-se oficialmente a Portimão, a convite da Câmara Municipal, o alcaide de Huelva e outras entidades representativas daquela cidade andaluza, que serão recebidas pelo sr. eng. João Deodato Neto Caboz, em sessão de boas vindas, às 13,30, nos Paços do Concelho.

Segue-se um almoço, passeio turístico e, à noite, num dos hotéis da Praia da Rocha, o tradicional encontro a 8 tabuleiros entre os melhores xadrezistas de Huelva e os representantes do Grupo de Xadrez de Portimão.

AGRADECIMENTO

A família de João Baptista Gago, na impossibilidade de agradecer a todas as pessoas que por qualquer forma testemunharam o seu pesar, por tão doloroso acontecimento, vem por este meio manifestar a gratidão, especialmente àqueles a quem o não fizeram directamente por ignorar as suas moradas.

Exposição de pintura em Faro, integrada na I Semana Cultural da Casa do Pessoal da SACOR

Promovida pela Delegação de Faro da Casa do Pessoal da Sacor, vai realizar-se a I Semana Cultural que integrará entre outras realizações, uma exposição de pintura do artista plástico José Maria de Oliveira. A exposição, que decorre no Círculo Cultural do Algarve é inaugurada hoje às 18 horas pelo chefe do distrito, com a presença dos presidentes da Junta Distrital e da Câmara Municipal, delegado do I. N. T. P. e F. N. A. T. e outras autoridades.

Emídio Sancho Médico especialista

Doenças das Crianças Consultas diárias depois das 15 horas de preferência com hora marcada Cons.-R. Reitor Teixeira Guedes, 8-1.º Telefone 22 967 Resid.-Tels. 22958-4223 FARO

IMPRESSA

«O VOLANTE» — Começou a publicar-se em França o jornal «O Volante», órgão da Associação dos Motoristas de Táxi e Similares Oriundos de Portugal, impresso no nosso País e com Redacção em Montfermeil. Ao novo colega, que se apresenta com bom aspecto gráfico e colaboração de interesse, desejamos longa vida.

Queimadores «ELCO»

Fabricação Suíça, funcionamento automático. Estudamos e fornecemos todos os equipamentos necessários à transformação de caldeiras, fornos, estufas, etc. para a queima de óleos e gases. ACROS — A Comercial de Representações Ourique, Lda. R. Almeida e Sousa, 21 r/c Dto. Lisboa — Telf. 662659 — 672291.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro ANÚNCIO

Para conhecimento dos interessados, informa-se que, a partir de 1 de Maio, a Delegação Clínica de Albufeira passa a funcionar em instalação própria, sita no Largo Jacinto d'Ayete, n.º 1-1.º, em regime de 2 consultas diárias de clínica médica, a cargo do Sr. Dr. António de Sousa Calça, às 17 horas e Sr. Dr. Manuel dos Santos Serra, às 14 horas (a título provisório). Faro, 29 de Abril de 1970

LOTAS

De 28 a 29 de Abril

VILA REAL DE STO. ANTONIO

TRAINEIRAS:	
Lesta	36 657\$00
Audaz	33 406\$00
Conservadora	24 874\$00
Refrega	20 493\$00
Diamante	16 750\$00
Lestia	15 775\$00
Norta	14 422\$00
Concepcionista	13 902\$00
Flor do Sul	13 778\$00
Sul	12 296\$00
Prateada	11 465\$00
Garotinho	10 720\$00
Sad	10 526\$00
Vivinha	10 243\$00
Alvarito	8 266\$00
Rainha do Sul	8 100\$00
Alecrim	7 793\$00
Liberta	7 640\$00
Agadão	6 575\$00
Nova Dória	3 100\$00
Princesa do Sul	2 800\$00
Maria Benedito	1 550\$00
Total	289 684\$00

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 24 a 28 de Abril

OLHÃO

TRAINEIRAS:	
Rainha do Sul	79 600\$00
Nova Sr.ª da Piedade	49 110\$00
Vandinha	46 350\$00
Nova Clarinha	45 750\$00
Salvadora	45 240\$00
Costa Azul	33 350\$00
Restauração	30 490\$00
Nova Areosa	25 640\$00
Conservadora	23 500\$00
Noroeste	22 990\$00
Nova Erra	22 780\$00
Princesa do Sul	22 410\$00
Nova Palmista	19 300\$00
Pérola Algarvia	19 180\$00
Nova Esperança	18 200\$00
Sardinha	17 780\$00
Lurdinhas	15 440\$00
Amazona	14 110\$00
Fernando José	13 650\$00
Alga	10 078\$00
Olimpia Sérgio	9 500\$00
Estrela do Sul	6 821\$00
Portugal 4.º	5 121\$00
Ponta do Lador	4 500\$00
Donzela	3 000\$00
Praia da Vitória	3 000\$00
Alvarito	1 390\$00
Total	608 514\$00

ALADORES PURETIC

De 24 a 28 de Abril

LAGOS

TRAINEIRAS:	
N. Sr.ª da Graça	39 970\$00
Rainha de Lagos	28 900\$00
Albúiz	13 900\$00
Praia Morena	12 190\$00
Satúrnia	11 690\$00
Sr.ª da Encarnação	10 600\$00
Donzela	9 100\$00
Praia dos Três Irmãos	8 090\$00
Alga	5 400\$00
Gracinha	4 300\$00
Zavial	3 700\$00
Marisabel	3 690\$00
Milita	3 580\$00
Sete Estrelas	2 000\$00
Sagres	1 750\$00
Portugal 5.º	1 390\$00
Anjo da Guarda	1 290\$00
Total	159 560\$00

Dr. Diamantino D. Baltazar

Médico Especialista

Doenças e Cirurgia

dos Rins e Vias Urinárias

Consultas diárias a partir das 15 horas

Consultório: Rua Baptista Lopes, 30-A, 1.º Esq.

FARO

Tel.: Consultório 22013

Residência 24761

DE TUDO PARA TODOS

A QUADRA DE HOJE

Nada no amor se prevê...
As coisas vão-se passando,
sem que saibamos porquê,
nem de que modo, nem quando.

SILVA TAVARES

A IDADE DOS BICHOS

O elefante pode viver até duzentos anos, o cavalo, o camelo, o hipopótamo e o rinoceronte até quarenta; o boi, o cabrito, o leão, o tigre e o castor, até vinte; o cachorro, o lobo, a raposa e o esquilo, geralmente, não passam de dez anos. Entre as aves, comumente, chegam aos cem anos, a águia, o cisne, o papagaio, o corvo, o falcão e o mocho; o ganso pode chegar aos quarenta, a cegonha aos setenta. O pato pode atingir meio século e o canário os 25 anos. Entre os répteis e os anfíbios, a tartaruga gigante dura dois e três séculos; o lagarto e o crocodilo podem passar dos quarenta, e a rã, apesar de diminuta, vai aos dezasseis anos.

O DOCE NUNCA AMARGOU

Biscoitos de cereja — 500 gramas de farinha de trigo, 500 gramas de manteiga, 100 gramas de cereja nacional. Amassa-se tudo durante bastante tempo (mela hora, pelo menos), e bate-se muito a massa na tábua.

Parte-se esta massa em três partes. Com uma parte fazem-se biscoitinhos minúsculos de argola, que se passam em açúcar areado e vão ao forno em tabuleiros.

Da segunda parte fazem-se charutos muito finos que se cobrem com açúcar refinado. Esses charutos passam-se pelo canudo do puré pondo

no fundo a rodela que tem estrela. A terceira parte faz-se em bolachinhas que se unem duas a duas com compota de ameixa ou de damasco.

COMO ELES PENSAVAM

O casamento é a identificação de duas pessoas imperfeitas num indivíduo completo. — *Ramalho Ortigão*

— Os talentos decrescem ou exaltam-se, consoante a causa que servem. — *Antero de Quental*

— A esperança é um empréstimo que a felicidade nos faz. — *Rivarol*

— A bondade do Cristianismo depende do zelo e da probidade dos sacerdotes. — *S. Vicente de Paulo*

— Os vícios são próprios dos homens e não dos tempos. — *Seneca*

TAMBÉM NA COZINHA SE

PODE SER ARTISTA

Sopa de castanhas — Castanhas, 30; leite, meio litro; azeite e sal, quanto basta.

Escolhem-se castanhas boas e grossas, descascam-se e põem-se a ferver em água e sal para se lhes poder tirar a pele. Em seguida em 1/4 de litro de leite para cada quince a vinte castanhas põem-se a cozer definitivamente. Passam-se pelo passador e voltam ao lume em água suficiente até ferver.

E AGORA NÃO RIA!

No parque de um manicómio. — Parece-me que o senhor não trabalha...

— Não senhor... estou doído. — Mas... há doídos que trabalham. — Pois há... mas, eu não estou tão doído como isso.

Miriam Ramos, representante assinalada duma brilhante geração de pianistas brasileiros, depois de uma excelente carreira marcada por vários prémios no seu país, trabalhou em França nas classes de virtuosismo de Jacques Klein e Magda Tagliaferro. Já em 1960, apresentando-se no concerto em mi menor de Chopin dirigido por Arthur Fiedler, Miriam Ramos alcançou um dos grandes êxitos da sua carreira. A sua predilecção pelo romantismo levou-a a escolher para o recital na J. M. P., obras de Mendelssohn, Chopin e Schumann. Miriam Ramos é a primeira premiada do VIII Concurso Nacional de Piano do Brasil realizado em 1967.

Assinalando a sua passagem por Coimbra, recolhemos algumas das suas afirmações, aqui reproduzidas:

— *Fale-nos, por favor, da sua carreira musical e dos seus êxitos.*

— Eu iniciei a carreira há dez anos atrás, no Brasil. Durante esse período, fiz onze concursos nacionais e em todos eles obtive os primeiros prémios. Dei há pouco um recital em Paris, de seguida outro em Lisboa, onde me senti muito feliz. Finalmente no Brasil, de novo, no Estado Rio Grande do Sul, tive a grata alegria de ganhar o prémio do VIII Concurso Nacional de Piano que se realizou em Portalegre.

— *O que pensa de música clássica e da evolução da música enquadrada nas coordenadas do nosso tempo?*

— A música clássica foi sempre a minha paixão, quer se trate de clássicos, mesmo, de românticos, de impressionistas ou de modernos.

Quando a música totalmente moderna, a que chega a ser electrónica, deve ser compreendida só daqui a trinta ou quarenta anos. Digo sinceramente que não me dedico a essa música... Não sei se estarei errada — embora acredite que a juventude virá a dar valor a essa manifestação musical como nós damos agora à de trinta anos atrás.

— *Acha que a música contemporânea não vale a pena ser ouvida?*

— Acho que em toda a música chamada *inovação* existe o problema da época... Assim foi por toda a humanidade, e agora acontece o mesmo conosco nesta música contemporânea que uns aceitam mal e outros apreciam mais, mas acredito que com o decorrer dos anos se virá a dar valor a essa música.

— *Qual lhe parece ser o papel da crítica em relação aos jovens pianistas? Em que função se deve empenhar?*

— A crítica é boa em todos os

pontos de vista. A nós, jovens pianistas que estamos começando, favorece-nos uma crítica sincera, mesmo que diga que a *sonoridade* não foi boa, ou que ainda falta um pouco de técnica... Quanto a mim, se uma crítica é sincera e feroz, sinto-me favorecida, pois posso atender ao que ela diz seguindo alguns dos seus conselhos. Sempre me dei bem com isso.

A crítica informativa deve ter o factor preponderante de lançar os jovens. Nós tocamos, a crítica dá a sua opinião, e assim facilita a promoção do artista, no que se refere à sua carreira e mesmo às suas condições de sobrevivência.

Tocar piano não é simplesmente *tocar nota*, é extremamente complexo; além do problema *nota* e do problema *memória*, há toda uma problemática a atender... A sonoridade que se tire do piano, a maneira de pousar a mão para tirar um som específico... São milhões de detalhes — de pedal, de pausa, tudo completando a personalidade do artista, em suma a execução dentro da máxima técnica.

— *Por que razão o intercâmbio entre pianistas portugueses e brasileiros é tão reduzido?*

— De facto o intercâmbio não é muito grande... O que é pena pois, assim como eu já soube que o Nelson Freire tocou aqui com muito êxito, nós também tivemos no Brasil o Sérgio Varela Cid, que fez imenso sucesso entre nós. Acredito que seria maravilhoso existir um maior intercâmbio pois há bons valores, e isso contribuiria para unir ainda mais as nossas pátrias.

— *Que pensa do público?*

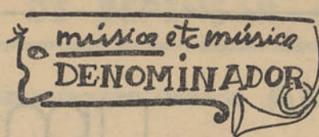
— Gosto imenso de manter o contacto com o público, com esse convívio sinto-me mais tranquila para poder tocar.

Custa-me a aceitar um público distante, chelo de importância, esse público que muitas vezes não entende as minúcias maravilhosas que vamos fazer e que, se por vezes temos um *engano*, reclama imediatamente só porque um entendido disse que essa passagem falhou. Uma falta de memória pode acontecer a qualquer pianista e não é isso que o desprestigia.

O contacto com o público, antes de tocar, é necessário para me sentir em família, comunicando muito mais... Em Lisboa, antecedendo a minha actuação, Carlos Guedes fez-me referências que me sensibilizaram e senti o público como se fosse um amigo. Sinceramente, não posso esquecer esses momentos que marcam as alegrias de uma carreira.

(Paralelo «Onda Juvenil»

— «Denominador»



ANÁLISE

«O canto e as armas»

Disco Orfeu — L. P.

Adriano Correia de Oliveira

1 — A nova canção tem vindo a procurar rumos e alternativas para uma substituição do velho nacional cançonetismo gasto e estafado.

Adriano Correia de Oliveira, um dos seus percursores, é agora um dos valores mais representativos.

A linha seguida por este cantor-compositor tem sido a de uma problemática de intervenção enraizada na realidade circundante: «Rosa de sangue», «Canção com lágrimas», «Trova do Vento que passa», rodeada de uma melodia simples, sem inovações formais de maneira a canalizar toda a atenção do ouvinte-objeto desta canção para o poema-imagem-mensagem.

Um dos seus últimos discos, no entanto, deixava-nos entrever uma outra opção — a recolha do folclore (Beira Baixa e Açores) reelaborado e estilizado em ordem a uma maior receptividade. «Xarama» e «Lira» são exemplos dessa fase.

2 — «O canto e as armas» é uma tentativa de realizar «uma obra de maior fôlego que o normal» musicando «um poema em sete partes com perfeita sequência lógica, cuja unidade se obtve pela utilização de um tema musical comum que é diversificado consoante as características de cada parte e as necessidades de desenvolvimento ao longo da própria estrutura da «Origem, Peregrinação, Regresso», I parte de «O canto e as armas».

Tentativa louvável, tanto mais se nos lembrarmos que, entre nós, até agora só a Filarmónica Fraude, além de Correia de Oliveira, tentara uma unidade formal e de conteúdo num L. P., tendo por base o desenvolvimento de um tema que se mantém subjacente ao longo de todo o disco.

Simplemente, mesmo supondo a existência de um tema musical a servir de denominador comum, não podemos esquecer que poema e melodia formam um todo indissociável não podendo, sem grave risco, menosprezar-se algum destes factores.

É precisamente no aspecto musical que a melodia de «O canto e as armas» é monótona, cansativamente repetitiva. Aqui, descurou-se um trabalho dinâmico sobre a melodia, fraseado musical que comentasse e

enquadrasse convenientemente as palavras, que as enraizasse numa temática nacional.

Assim lembramo-nos paralelamente de Paco Ibañez que, embora partindo de uma concepção ortodoxa no desenvolvimento da temática musical envolvente e do binómio música-poema, consegue uma variação não cansativa que é a exacta expressão musical dos poemas escolhidos.

3 — A *balada* trouxe algo de positivo à música ligeira portuguesa: um maior cuidado na temática-conteúdo ilustrada com uma melodia simples dedilhada numa viola, instrumento base do autor-cantor-compositor. Mas este movimento para a «Supremacia do Poema sobre a Canção» enferma de uma sobrevalorização dada ao poema em prejuízo de uma melodia mais complexa, elaborada, enriquecida. Que menosprezando o elemento musical vem roubar à canção grande parte das suas potencialidades e expressão.

4 — «O canto e as armas» poderia ter sido pretexto para levar a poesia de Manuel ALEPE a um maior número de pessoas; poesia feita canção, canção na boca do povo.

Assim na falta de uma ilustração conveniente «O canto e as armas» transformou-se em disco para elites minoritárias — as mesmas que já conheciam o poema. As mesmas que fazem da balada mais ou menos contestária o único caminho válido para a canção portuguesa.

Ressalvamos apenas duas canções do lado B: «Por aquele caminho» poema de José Afonso e «Trova do vento que passa n.º 2» e, em menor grau «Canção da fronteira» com poema de António Cabral. Curioso também assinalar serem estas as canções mais transmitidas na rádio. Onde se conseguiu uma maior expressividade e correspondência do binómio música-palavras.

Esperamos uma evolução de Adriano: O caminho até agora percorrido está esgotado e encerrado. Adriano terá de optar. Como fez José Afonso. Para não se repetir. Em ordem a uma dinamização da canção portuguesa.

TITO LIVIO

Nova canção portuguesa

PREÂMBULO

Iniciado apenas há alguns anos atrás o movimento da nova canção portuguesa teve os seus chefes de fila em José Afonso, Luís Cília e Adriano Correia de Oliveira. Movimento que criou como modelo melódico a balada (coimbrã), na qual o poema assume um papel primordial.

Pouco a pouco o público jovem e esclarecido — principal objecto e consumidor do disco — foi-se apercebendo da riqueza e das perspectivas que o trabalho destes trovadores, bem como dos estudos intensos e honestos de autêntica recolha e investigação do folclore tradicional popular feitos por Jiacometti e Lopes Graça, abriam à renovação e superação dos estafados padrões melódicos e temáticos do subproduto em que se transformara a canção portuguesa.

A este lento movimento de consciencialização correu paralelamente uma maior procura no mercado do disco de gravações que obedecessem aos novos critérios estéticos e valorativos de uma verdadeira canção popular. Daí também uma necessidade por parte das editoras de descobrir, lançando-os no mundo do disco, novos valores que pudessem corresponder a esse cada vez maior anseio de dignificação da canção portuguesa.

Tem sido assim que poetas como Alexandre O'Neill, José Régio, Ary dos Santos, Maria Teresa Horta, Manuel ALEPE e Daniel Filipe têm sido atraídos por uma forma viva e imediata de divulgação da sua poesia — o disco através da canção. Simultaneamente novos compositores de valla têm surgido: Nuno Nazareth Fernandes, Pedro Jordão, José Cid, Luís Cília, Carlos Paredes, Alain Oulman, Luís Miguel de Oliveira sem esquecer os autores-intérpretes como Rita Oliveira, Ernesto César, Maria, Carlos

Portugal José Afonso ou Correia de Oliveira.

O movimento da nova canção portuguesa é inseparável do contexto sócio-económico-cultural em que se insere. Do mesmo modo não pode e não deve ser limitado à balada de protesto, reivindicativa — um dos seus géneros — o mais apreciado e divulgado, mas também o mais sujeito a mistificações e ambiguidades.

Resta-nos apenas, e não é pouco, uma necessária tarefa de esclarecimento e consciencialização do público de modo a torná-lo permeável à beleza e autenticidade da nova canção, de modo a restituir-lhe aquilo que é verdadeiramente seu património inalienável — a canção popular.

Nesta secção em prol de uma música portuguesa autêntica e adulta apenas, um alerta: é necessário distinguir os verdadeiros dos falsos profetas, o autêntico do oportunismo, e não aplaudir sempre os mesmos estafados slogans temáticos pseudo-poéticos.

É que uma canção popular terá de servir o povo — seu objecto e principal sujeito, não podendo nunca, sob pena de se mistificar, colocar-se ao serviço de uma elite minoritária intelectual que dela se sirva como errada compensação para frustrações antigas. É necessário como no-lo diz Miguel Torga que «a canção desça à rua».

Contabilista

Técnico de contas inscrito na D. G. C. Impostos

De idoneidade e competência reconhecida aceita em regime livre, superintendência ou execução de serviços técnicos da especialidade. Resposta ao jornal ao n.º 12.668.

TINTAS «EXCELSIOR»

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochê Nacionais e Estrangeiros. Venda directa ao público ao preço da fábrica. Lá escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, roblon, cardinil, cordonet, perlé, e argolinha. Algodão para colchas a peso, ráfias perlapont etc.

Fazemos descontos às senhoras tricoteadeiras.

A. NETO RAPOSO, LDA.

Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropolitano — Telefone 326501.

Câmara Municipal do Concelho de Alcoutim

ANÚNCIO

Faz-se público que, no dia 18 de Maio de 1970, no edifício dos Paços do Concelho, pelas 15 horas e 30 minutos, e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Construção da E. M. 507/1 (E. M. 507, em Giões, à E. N. 124) 2.ª fase — revestimento sup. bet. em toda a extensão do troço, na extensão de 2 341 metros».

Base de licitação 126 744\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, agências ou delegações o depósito provisório de 3 168\$60 (três mil cento e sessenta e oito escudos e sessenta centavos), mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto da obra estão patentes na Secretaria da Câmara Municipal de Alcoutim e na Direcção de Urbanização de Faro, todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Alcoutim, 23 de Abril de 1970

O Presidente da Câmara,

ANTÓNIO JOAQUIM FELÍCIO JÚNIOR

Terreno vende-se

A 3 kms. das Ferreiras e 8 kms. de Albufeira, junto da estrada nacional, com 15 000 metros quadrados. Tratar com José Camacho Pontes — Cortes — S. BARTOLOMEU DE MESSINES.

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

Na penúltima sexta-feira, no Círculo Cultural do Algarve assistiu-se primeiro à exibição de um filme alemão sobre Beethoven, filme que muito agradou pelas boas interpretações musicais nele contidas e pelas sóbrias mas pertinentes elucidações com o seu comentador brasileiro o acompanhava. Depois os sócios sentaram-se na sala das sessões onde ouviram sobretudo os doutos comentários à época de Beethoven e profundidade da sua música, feitos pelo dr. Neves Júnior, que foi o orientador da conversa. Na sala de entrada encontrava-se um grande retrato de Beethoven pintado a gouache pelo dr. Fernando Louro; em exposição sobre a estante havia vários livros sobre o compositor.

PALESTRA SOBRE BEETHOVEN

O dr. Neves Júnior fez na noite de sábado passado, a 2.ª parte das suas considerações sobre a vida e obra do grande compositor. Hoje concluirá a sua exposição ilustrada com audição de discos. Colaboraram com o dr. Neves Júnior os alunos de música de D. Célia Magalhães, António Nuno D. Nascimento Costa e Luís Manuel Pessanha Henriques, que mostraram numa boa execução a sua vocação musical e a proficiência da sua professora.

Praça Marquês de Pombal Vila Real de Santo António
Aluga-se 1.º andar para escritório, comércio, etc.
Trata Dr. A. Horta Correia — Vila Real de Santo António.

Aluga-se

Casa mobilada acabada de construir na Praia de Cacela. (9 Km de Monte gordo). Época balnear ou ao ano. Resposta ao n.º 12 950.

Escala

Música Gheewing-gum

Música fácil, digestiva. Para dançar. Insinuante ao ouvido. Uma melodia simples, nada complexa, não trabalhada. O efeito fácil «The legend of senadus» ou «Jummy, Jummy» (lembram-se?). Uns versos banais — o amor, a insistência em certos refrãos onomatopaicos — caso de «Jummy, Jummy», o exotismo rebuscado e artificial para agradar. O êxito é a meta. Multiplicado por milhares de discos vendidos. E 1.º lugares nos luts. Esta é a música da «gente simples sem complicações». Dave, Dee, Dozy, Beaky, Mich and Tich, Oblo Express, Tommy Roe, os Archies («Sugar, Sugar»), 1910 Fruitgum Company e, mais recentemente os Steam — «Na na hey hey kiss him goodbye» (lembram-se?). A música denominada nos E. U. A. de «Cheewing-gum». De consumo. Para ouvir e passar à frente. E logo em seguida, esquecer.

Bordadora

Para trabalhar em casa bordados regionais do Algarve. Trabalho todo o ano. Resposta ao n.º 12 954.

Manuel J. Correia

Protésico Dentista

Informa os seus prezados clientes que aos sábados e domingos, se encontra a trabalhar no seu consultório em Vila Real de Santo António.

BEBA CAFÉ PURO

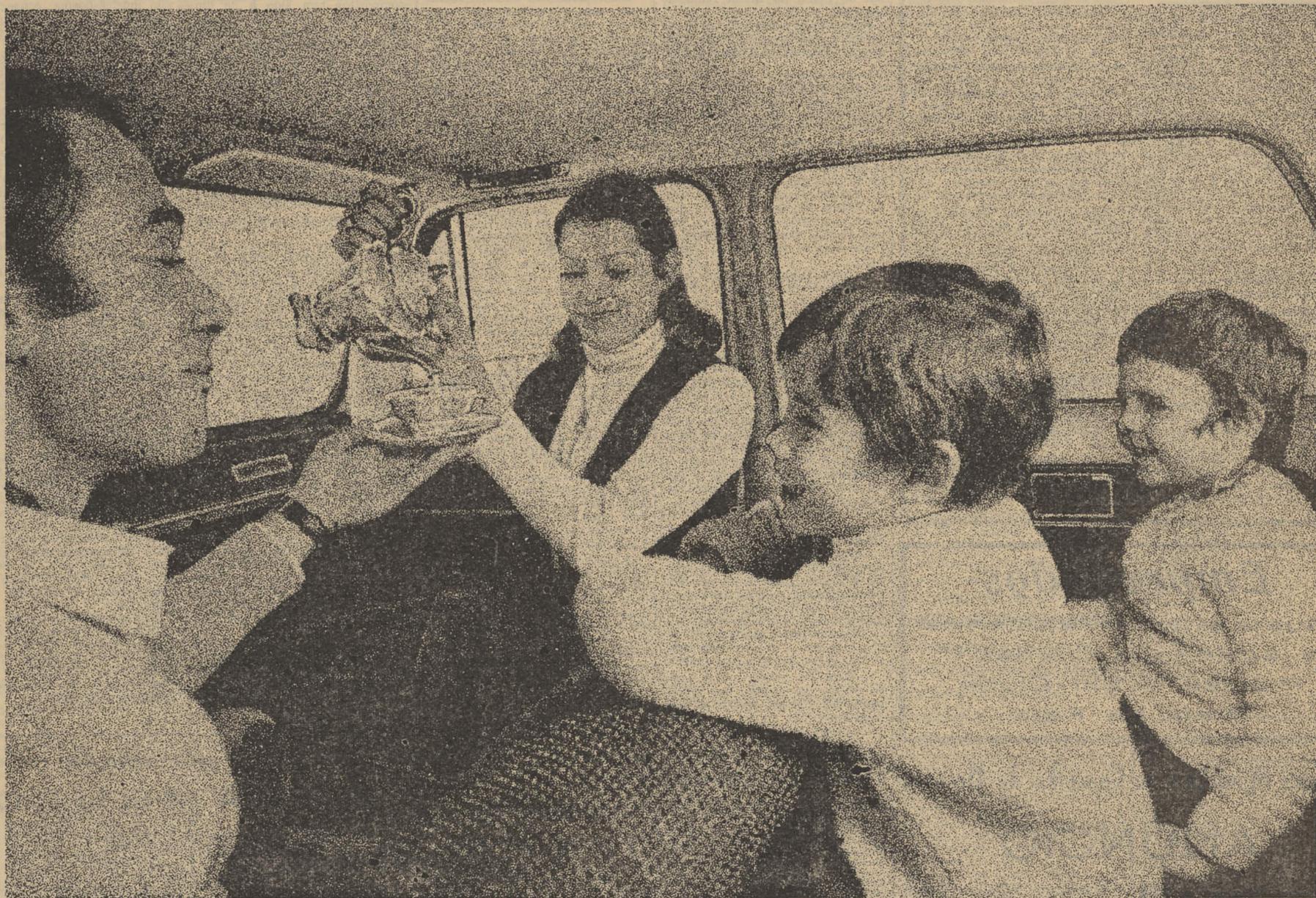


O SEGREDO DO BOM CAFÉ

AGENTE NO ALGARVE:

FRANCISCO MARTINS FARRAJOTA & FILHOS, LDA. LOULE

uma família
é mais família



quando vive
confortavelmente

num **SIMCA 1000**

Não garantimos que possa dar festas. Ou receber visitas dentro do **SIMCA 1000**. Mas é um facto. A família, dentro dele, sente-se em casa.

Porque o **SIMCA 1000** tem tudo o que tem um carro grande.

Tudo — menos uma coisa: o preço.

Sim. O **SIMCA 1000** tem 4 portas. 4 velocidades sincronizadas. Um motor potente e económico. E para melhor conforto, o modelo especial **SIMCA 1000 S**.



CHRYSLER
DE PORTUGAL

Concessionário em Faro:

JOSÉ EMÍLIO DOS SANTOS PARDAL

Largo do Mercado, 65 - Telf. 24021

...em todo o país encontrará a estrela **CHRYSLER**

Camas Vendem-se

Tipo hotel, modelo americano, 10 camas individuais formando 5 de casal, com os respectivos colchões de Lusoespuma em estado novo.

Trata Joaquim Manuel Gonçalves Pontes — Café Central — Telef. 65230 — Quarteira.

Em TAVIRA

Trespasa-se estabelecimento comercial amplo, em edifício próprio, no melhor local da cidade, podendo servir para qualquer ramo, incluindo o bancário.

Trata-se na Rua da Liberdade, 44.

Casa de Pasto

«Camiño Verde»

ARRENDAM-SE

Rua de Aveiro, 21-23, ao lado do Mercado da Verdura, em Vila Real de Santo António.

Dirigir ao local.

Vende-se Terreno

Com casa, pinheiros, oliveiras, figueiras e outras. Junto à Estrada Nacional entre Lagoa e Alcantarilha.

Trata pelo Telefone 2761205 — ALMADA.

Vende-se

MG-A Descapotável

Por motivo de retirada, bom estado, volante competição, rádio, pneus novos.

Ver na Oficina VW. — Portimão. 15.000\$00.

Empregado

Para a porta, com conhecimentos de Francês e Inglês, precisa hotel na Praia da Rocha.

Resposta a este jornal ao n.º 12 896.

COMPETE AO PROFESSORADO ALGARVIO OS PRIMEIROS GESTOS DE REPENSAR A PEDAGOGIA

A todos os que estão a responder ao Inquérito sobre o Ensino no Algarve

A escolha das questões fica ao critério de cada professor; no entanto pedimos que se indique a letra respectiva referente ao questionário.

As respostas poderão ser ou não assinadas, a fim de permitir uma expressão mais livre e mais concreta.

Tudo o que se relacione com os trabalhos do Inquérito ao Ensino poderá ser enviado para a Delegação do *Jornal do Algarve*, Travessa da Palmeira, 36-2.º, Lisboa.

Isto perguntou o prof. Delfim Santos

Este é o problema fundamental: como se pode atender o número crescente de escolares que cada ano se nos apresenta; como se pode aumentar progressivamente o número de escolas; como se podem aumentar os quadros indubitavelmente restritos dos agentes de ensino na metrópole e no ultramar se, para os actuais quadros limitados e restritos, escasseia o pessoal indispensável? Como é possível supor que os esquemas administrativos do passado possam continuar em vigor quando a população discente crescer de forma a perturbar tudo o que se possuía?

Estamos a tentar formar dentro de cada Escola do ensino secundário do Algarve grupos de professores que estejam particularmente interessados em acompanhar mais de perto os trabalhos de Inquérito. Inclusive admitimos a organização de alguns encontros nas principais terras entre os membros da equipa pedagógica com que o *Jornal do Algarve* conta e os professores interessados.

Para uma melhor organização e planeamento do que pretendemos fazer, o *Jornal do Algarve* agradece a todos os professores interessados que se nos dirigem directamente ou por escrito.

A Comissão Regional de Turismo do Algarve começará a funcionar em 1 do próximo mês

(Conclusão da 1.ª página)

tos, as actuais zonas de turismo do distrito de Faro.

Artigo 2.º — 1. Os órgãos da Comissão Regional de Turismo do Algarve deverão estar constituídos e os seus serviços em funcionamento até 31 de Maio de 1970.

2. Compete ao governador civil do distrito de Faro promover as diligências necessárias para assegurar a constituição oportuna dos órgãos da Comissão Regional de Turismo, bem como a transferência dos serviços das zonas de turismo existentes e a reversão dos bens afectos à respectiva administração.

Artigo 3.º — O pessoal dos quadros afecto aos serviços de turismo das zonas administradas pelas Câmaras Municipais e Juntas de Turismo transita, a partir de 1 de Junho de 1970, para os serviços dependentes da Comissão Regional de Turismo do Algarve, nas actuais categorias ou naquelas que vierem a ser-lhe atribuídas no quadro a aprovar pelo secretário de Estado da Informação e Turismo mantendo todos os direitos que actualmente possuem.

Artigo 4.º — Compete ao presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve providenciar sobre a organização das contas de gerência das juntas de turismo respeitantes ao ano corrente.

Artigo 5.º — A partir de 1 de Junho de 1970 consideram-se transferidos para a Comissão Regional de Turismo do Algarve, independentemente de qualquer formal-

dade, todos os direitos e obrigações das Câmaras Municipais e Juntas de Turismo do distrito de Faro relacionados com a administração das zonas de turismo que tinham a seu cargo.

Artigo 6.º — As dúvidas que se suscitarem na execução deste diploma serão resolvidas por despacho do secretário de Estado da Informação e Turismo.

JUSTA HOMENAGEM a um médico e benemérito em Mértola

MÉRTOLA — A Câmara Municipal de Mértola homenageou em 19 do mês findo, o sr. dr. Manuel Francisco Gomes, que nesta vila tem exercido proficientemente o cargo de médico municipal e de subdelegado de Saúde. No salão nobre dos Paços do Concelho, sob a presidência do chefe do distrito, efectuou-se uma sessão solene, tendo sido oradores os srs. presidente da Edilidade, drs. Gonçalves Fagulha e Luis Custódio dos Santos, eng. Leal de Oliveira e dr. Santos Martins, encerrando o acto o chefe do Distrito. O Município ofereceu ao homenageado uma cópia da acta, em pergaminho, com um louvor. Alguns comerciantes da vila ofereceram uma salva de prata, e uma outra foi entregue pela sr.ª D. Adelina Rocha, em nome dos habitantes de Mértola que residem na capital.

O homenageado agradeceu as manifestações da população, após o que os convidados e o público se dirigiram para a Rua do Espírito Santo, onde foram desceradas as lápidas que à mesma passam a dar o nome daquele médico.

No final foi servido um beberete, no Externato Municipal D. Sancho II. Ao sr. dr. Manuel Francisco Gomes foi agora conferida, pelo Ministério da Saúde e Assistência, a medalha de prata de serviços distintos. — A. M. S.

Sorvelaria no Algarve

Precisa empregado com muita prática de fabrico de gelados.

Resposta a este jornal ao n.º 12 929.

YOGHURTE GRANDE PONTO

Natural ou com sabor a Frutas:

Ananás, Laranja, Alperce, Morango, Tutti-frutti e Chocolate.

O YOGHURTE GRANDE PONTO deve ser exigido por todo o público e em especial pelas crianças

SEDE: Rua Capitão Roby, 59-A — LISBOA

FILIAL: Rua Frei D. João de Faro, 57 — FARO — Telefone 24923

Apenas por 90\$00 nunca mais lhe faltará o gás em casa

A balança MIRAGÁS velará para que NUNCA MAIS lhe sucedam aquelas situações aflitivas por que já passou algumas vezes...

...e toda a sua família lhe agradecerá!

Não deixe para amanhã o que pode evitar já hoje!

Revendedores Exclusivos:

Avenida da República, 59
Telefone 291
Vila Real de Santo António

CONTACTO

Porque não seguem os professores de Lagos, o exemplo do presidente do Município?

Porque, infelizmente, não nos tem sido dado ler sugestões no sentido de mais e melhor ensino, por parte dos professores de Lagos, permitimo-nos chamar para estes, a atenção do depoimento do sr. presidente do Município inserto no *Jornal do Algarve* de 21 de Março.

Referindo o que tem feito e o que pensa fazer, demonstrou espírito de colaboração no inquérito.

Porque, então, os professores de ensino secundário, continuam indecisos nas suas opiniões sobre o que interessa para uma Lagos mais e melhor escolarizada, com mais e melhor cultura, mais e melhor desporto, numa palavra, mais e melhor nível?

Admitamos a hesitação, por ausência de autorização para se pronunciarem; porém, agora, que estão legalmente autorizados à livre expressão, o silêncio pode ser tomado como ausência de espírito de colaboração, que em casos como o do ensino, revela ausência de amor ao próximo. Temos tido vontade de insistir directamente para se pronunciarem, mas como tal pode ser julgado impróprio de quem lutando pelo bem comum, está no direito de admitir que um «clamir» basta, a «chamada geral» fica nas presentes linhas, convencido de que não será em vão.

JOAQUIM DE SOUSA PISCARRETA

Foi inaugurada a Clínica Psiquiátrica de S. Brás de Alportel

(Conclusão da 1.ª página)

munhou o seu reconhecimento pela execução da obra, envolvendo numa palavra de agradecimento todas as boas vontades suscitadas em torno da mesma. O dr. Fernando Iharco dissertou acerca da história da psiquiatria em Portugal e dos esforços desenvolvidos pelos órgãos oficiais, para que, em cada dia, se alargue a acção neste domínio. D. Júlio Tavares Rebimbas estabeleceu o paralelismo entre a cura mental e a cura do espírito, salientando o interesse que à Igreja sempre tem suscitado a acção da Medicina, na valorização do homem e na sua recuperação.

Encerrou os discursos o dr. Manuel Esquivel, que se congratulou com a inauguração e referiu o grande interesse da clínica para o Algarve, expressando o desejo de que estabelecimentos idênticos possam surgir noutros pontos da Província, completando a sua cobertura, no domínio da psiquiatria.

Regime de fim de semana em Faro

Como em anos transactos, a partir de hoje, os estabelecimentos comerciais da capital do distrito passarão a utilizar o chamado regime de fim de semana. Assim, aos sábados, excepto as mercearias, todos abrem às 9 horas, encerrando às 13 e só reabrindo na segunda-feira.

Barco de Recreio Outboard

Comp. 4,87, Boca 1,82, Pontal 0,80.
Penta Volvo 110/200. Poss. adapt. Cabine impecável.
Rogério de Sousa Branco — Apartado 4 — Telef. 79 — Cerro Grande — Albufeira.

Serviço de Grupagem de Carga Aérea

Confie as suas expedições internacionais por via aérea aos nossos serviços especializados de GRUPAGEM com tarifa reduzida.

Mantemos armazéns próprios e assistência permanente no Aeroporto de Lisboa.

Soc. Com. OREY, ANTUNES & CIA. LDA.

Cargo Consolidators IATA

Praça Duque da Terceira, 4 — 1.º — LISBOA

Telef. 327229 — 322271/3 — Telex: 1181



MOTORES

A GASOLINA OU A PETRÓLEO DE 2 1/2 A 9 H. P.

PEÇAS DE ORIGEM

COMPLETO STOCK — OFICINAS ESPECIALIZADAS

REPRESENTANTES

MENDES DE ALMEIDA, SARL

ESCRITÓRIOS * ARMAZÉNS * OFICINAS * SALÃO DE VENDAS
AV. 24 DE JULHO, 52 A-G — LISBOA — TELEFONE 667794/8

ARQUIVO

LOULÉ: ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL

● Relações entre os professores: «clima normal, mas de vez em quando há umas coisas... mas sem importância». Disse alguém de lá.
● O principal problema dos alunos (nocturnos): falta de preparação ao nível da 4.ª classe. Falta de interesse de alguns. Dos alunos (diurnos): desapego ao estudo, «um bocado de falta de educação» (segundo um professor).

● Os professores já conhecem o inquérito ao Ensino. Mas, mais nada, por enquanto, claro.

● Um outro professor: «responderei se isso estiver dentro das minhas possibilidades».

● Há camaradagem entre os alunos. Mas não há sala de alunos. E a sala dos professores funciona na sala de dactilografia.

● Instalações: deficientíssimas. O recreio é a rua e os corredores o resto. Antiga escola primária.

● Um outro professor não sabe se a Escola tem biblioteca. Mas a da Guibenkian é mesmo ao lado. Estão a organizar uma nas actividades circun-escolares. Que livros?

● Insegurança profissional: os professores provisórios.

● O director é de facto bem aceite por alunos e professores.

● Um comerciante: «os moços saem dali sem saberem escrever uma carta». Será? E?

● De dia: curso industrial. O de aprendizagem de comércio reveza à noite.

● Actividades neste ano: uma excursão que foi a Sagres. Festa de alunos (o teatro, ou não fosse Loulé). A representação foi na Sociedade dos Artistas (ali mesmo em frente).

● Há alunos da Escola que formam conjuntos musicais (ou não fosse Loulé, também).

● Trabalhos manuais: exposições que têm sido o êxito. De capacidade. De execução. De arte. De criação. Os louletanos no caminho do fazer.

● Um ponto negativo: não têm aulas de ginástica?

● Actividades circun-escolares: provas de tiro (tiro?). Jogos: pingue-pongue. Arte, biblioteca, educação...

● Pergunta-se a um outro professor se há algum problema. Resposta sem hesitar «ponha aí: as miúdas que chegam dos arredores, não têm onde almoçar, não há uma cantina, têm que andar por aquelas casas de comida, pelas ruas, porque não há uma sala onde possam comer. Apenas há uma mesa no quintal debaixo do alpendre».

Colaboração entre Escola e Colégio. Nada se sabia.

Rolamentos «STEYR.»



Temos o maior stock da Província

STAND-STOCK
PERROLAS, LDA.

Telef. 571 Rua Infante D. Henrique, 35-A PORTIMÃO

LIVROS

«NA TUA MORTE» de João Palma-Ferreira

Completando o ciclo de narrativas iniciado com o volume «Três semanas em Maio» e prosseguido com «A porta do inferno», publicar-se-á em breve a obra «Na tua morte» de João Palma-Ferreira.

Trata-se de um livro estranhamente unitário, balizado entre os limites do romance e as técnicas da novela, do ensaio e da narrativa. Constituído por três secções básicas, inclui alguns textos satélites que impõem uma significação particularíssima a esta obra de raiz beckettiana. Em «Na tua morte» o leitor viaja pelo mais recôndito dos desvãos da consciência, por intermédio do monólogo e do soliloquio, da reconstrução da memória e da agonia e assiste à lenta construção do livro como entidade se não mítica pelo menos simbólica da tentativa de dizer integralmente. Em páginas de violência e dor estigmatizam-se, mais do que uma intriga, os problemas limites que vão desde a aproximação da angústia ao Amago da própria angústia, desde o remorso à loucura, desde a segurança de vida aos mais complexos morfismos. Obra espectral e, sob muitos aspectos, maldita, «Na tua morte» incluirá os melhores e mais agrestes textos deste autor. Trata-se de uma edição de Publicações Europa-América.

«LISBOA, UMA CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO»

por Francisco Keil do Amaral

Keil Amaral é um dos grandes arquitectos portugueses do nosso tempo, um espírito profundamente analítico, um observador que tem dedicado o melhor da sua atenção aos estudos de urbanismo e, sobretudo, aos problemas da urbanização de Lisboa. O humorismo com que, por vezes, analisa muitas das situações criadas durante o surto da cons-

trução civil, a inteligência das observações e dos pontos de vista, a facilidade com que introduz determinadas correcções na forma como, até aos subúrbios, a cidade tende a espalhar-se em formas por vezes anárquicas, garantem aos livros que assina o prestígio de mais do que um nome: a extraordinária categoria moral e profissional de um verdadeiro artista.

Obra rara, especulativa e problemática, «Lisboa — Uma cidade em transformação», lê-se com um encanto a cada página renovado. Edição de Publicações Europa-América.

«HISTÓRIA DAS IDEIAS POLÍTICAS»

(Vol. II) direcção de Jean Touchard

O volume II desta obra sensacional, editada por Publicações Europa-América vem corroborar a confiança dos leitores e prossegue a análise rigorosa e pormenorizada que distinguiu o êxito do volume I. Uma das mais famosas histórias do pensamento político até agora publicadas, é assinada pelos maiores especialistas franceses e cobre todo o pensamento humano desde as origens da civilização grega até às grandes evoluções sociais e políticas posteriores à segunda guerra mundial.

Emílio Campos Coroa

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DOS OLHOS

Ortópica (ginástica ocular) — Lentes de Contacto

Consultas: Rua de Sto. António, 49-1.º Dto. — F A R O

Casas Mobiladas no Algarve

(Em local ideal para as suas férias)

Alugam-se casas devidamente mobiladas com água quente e fria, telefone, televisão, etc., situadas no campo a 4 quilómetros da praia de Armção de Pêra. Informa telefone 117 — Alcantarilha — Algarve.

Tractor

Vende-se tractor, com diversas alfaias agrícolas e um carro, usados

Motivo de retirada. Resposta a este jornal ao n.º 12 943.

O ALGARVE DE QUE SE FALA

(Conclusão da 1.ª página)

não é esta invasão por mais estranho que pareça, prova convincente para levar o escudo a preferir às paisagens suíças, brasileiras, as terras virgens do Algarve. Nem é tão pouco testemunho válido para sobrepor a certos conceitos turísticos, tão avoengos como desactualizados, aquela política turística que, sendo a de que precisa o Algarve e o seu turismo, é, igualmente, a de que carece Portugal e o turismo português.

Por um número largo de factores, todos eles ligados à condição turística da Província, está o Algarve sendo alvo de uma sempre crescente actividade jornalística, tanto profissional como amadora. No ano findo, então, houve como que uma fome de falar do Algarve e escreveram-se colunas, páginas, sobre o seu turismo e antiturismo. Tudo serviu de tema para essas crónicas, escritos, reportagens, tudo foi assunto e serviu de assunto. Falou-se do inesgotável capital turístico algarvio: o sol, o mar, o clima; das ruínas ancestrais abandonadas; da vida das suas aldeias e cidades; da ausência de espectáculos de arte, recreativos e desportivos ao nível do turismo; da sua hotelaria e serviços de saúde; das comunicações telefónicas, aéreas, ferroviárias e rodoviárias... Enfim, falou-se do Algarve!

Por conscientes da razão e do direito que a todos assiste de gostar ou não gostar do Algarve e de discernir das suas condições turísticas, sempre acolhemos com o maior interesse os trabalhos publicados, muitos dos quais foram até motivo da nossa atenção e aplauso por se revelarem fruto de um estudo atento ou fundamentada observação. Claro que esta nossa posição não podia impedir que viessemos à «liça» sempre que um escrito intencional — e alguns o foram bastante ao longo destes anos — chegava ao nosso conhecimento. Nada mudou em relação ao nosso comportamento, continuamos animados do mesmo espírito de boa vontade, tolerância e convivência, mas há que inibir o Algarve de continuar a ser acusado de culpas que não tem e que lhe são apontadas apenas porque a realidade dos factos nem sempre é aquela verdade superficial que se vê com os olhos, mas essa outra que, por dissimulada, só um contacto íntimo divisa, compreende, sente.

Não vimos contestar as deficiências apontadas ao turismo algarvio e jamais o poderíamos fazer porque sempre discordamos da política turística nacional em relação ao Algarve, chamando para os seus perigos a atenção do País. Dentro desses perigos, todos eles previsíveis porque a estruturação do nosso turismo se processava evitada de erros, iniquidades e excessos, sempre consideramos a reacção do turista decepcionado como um dos mais temidos. Não nos enganamos porque, em verdade, muitos são os que daqui partem levando para os seus países uma triste ideia do Algarve — não do Algarve no seu sol, céu, mar, clima porque esse não decepciona ninguém — mas dos conceitos turísticos portugueses, por consequência algarvios, porque tudo se conjuga para que o turista se aperceba das primárias estruturas em que assentava a economia da Província e em que foi alicerçado um turismo, cujo improvisado e anarquia dos primeiros passos continuava a revelar-se e constituíram, ao que parece, erros crassos porque após tantos estudos, planos e planeamentos não foi possível alterar-lhe o cariz. Não vimos, portanto, contestar essas deficiências apontadas, repetimos, mas mostrar a incoerência que há nessas considerações quando transformadas em acusações directas e depreciativas do Algarve.

Recuemos alguns anos mais e elaboremos um inventário, que, embora sucinto, mostre a situação geral do Algarve quando foi legado ao Turismo. Suprimiremos neste inventário o passivo por inexistente, uma vez que os únicos financiadores da Província, os algarvios, nunca se consideraram seus credores. Sem dívidas nem encargos, o Algarve representou apenas capital para o Turismo, não um capital pecuniário, já se vê, mas bastante sólido e rentável por constituído, na sua parte essencial, por bens que são as bases indispensáveis a qualquer iniciativa turística: clima, sol, mar e praias. A par destes, os mais privilegiados no confronto nacional, recebeu o Turismo todos os outros bens que o Algarve possuía, em condições mais ou menos rudimentares, como: serviços de ensino e assistência, comunicações telefónicas, ferroviárias e rodoviárias, associações recreativas, agricultura e comércio... Enfim, tudo o que constituía o seu património económico, social e cultural.

Agora não será difícil analisar os dois Algarves e, a seguir, tirar justas conclusões. Um, o de ontem, o nosso, o que todos adoravam na sua simplicidade, que não decepcionava ninguém porque quem o procurava, não vindo atraído por especulativa propaganda, aceitava-o tal como era. Este foi o Algarve que se deu a Portugal para o turismo português, que Portugal

aceitou com todas as reservas mas sem reservas transportou para além-fronteiras, integrando-o no Mercado Turístico Europeu ao lado das famosas potências com as quais só ele podia rivalizar pela sua posição mediterrânea. O outro, o de hoje, o do turista, é aquele em que o Turismo apenas cuidou de implantar uma hotelaria aristocrata e ofereceu ao Mundo como «zona internacional de turismo». Este é o Algarve que agrada e desagrada, de que se fala bem e mal e que é motivo de decepção para todos aqueles a quem não basta o que lhe dá a Natureza e a pacatez luxuosa dos Ritzes algarvios.

E disto que o cronista não se apercebe, e porque cada um vê o Algarve à sua maneira ele é tão diferente para todos, é um Algarve para cada um. Mas há um aspecto em que todos são unânimes: todos consideram o Algarve como um todo no campo turístico e nesta interpretação está o principal motivo por que o turismo algarvio lhes parece, dos turismos nacionais, o mais defeituoso. Repare-se que se diz Espinho e não Douro Litoral, Figueira da Foz e não Beira Litoral, Estoril e Cascais e não Estremadura; mas que se diz Algarve e não Praia da Rocha, Albufeira, Monte Gordo, Quarteira, etc.

Esta maneira com que se exprime, mostra que em matéria turística as estâncias de veraneio do além-Alentejo se circunscrevem a certas zonas, mas que o Algarve é considerado uma zona única. Daí o turismo algarvio, igualzinho a qualquer turismo nacional, ou até melhor (afora os Cascais que é preciso salvaguardar para valorização da capital), se apresenta aos olhos do cronista e do visitante como o mais aleijado de todos. Um e outro chegam ao Algarve esperando encontrar um equipamento turístico em toda a Província e, como tal não acontece, insurgem-se sem reparar que estão querendo no Algarve o que não há nas outras províncias, que estão a exigir no Algarve o que só exigem ao Algarve. Todos parecem esquecidos de que o Algarve não é um «reino», mas uma parcela de Portugal e, naturalmente, com uma indústria turística dependente da política administrativa nacional.

Que o recordem todos que visitam o Algarve e, se com este nosso escrito tivermos sabido ensinar a compreender a realidade que aqui se vive, com certeza muito se continuará a falar do Algarve, porque o Algarve é terra de que se fala, mas para admirá-lo e não para o depreciar, acusar e responsabilizar.

MARIA CARLOTA

Em Olhão

Fundição de ferro e outros metais Serralharia Mecânica e Civil

Trespasa-se ou arrenda-se, em plena laboração, em virtude do seu proprietário não poder continuar à sua frente, por motivos de saúde. Trata José Manuel Barros—Rua Dr. Teotónio Pereira (próximo da estação do caminho de ferro) Olhão.

ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Maio e seguintes, em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

Se aprecia Qualidade

Prefira Azeite Extra (Virgem)

Marca TUA/NORDESTE

Agora ao preço da concorrência

Garrafa de Litro 25\$50

Distribuidores no Algarve

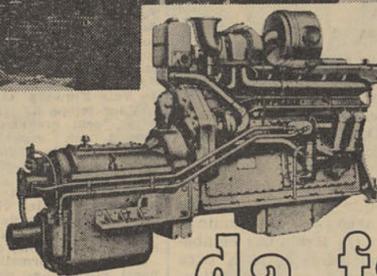
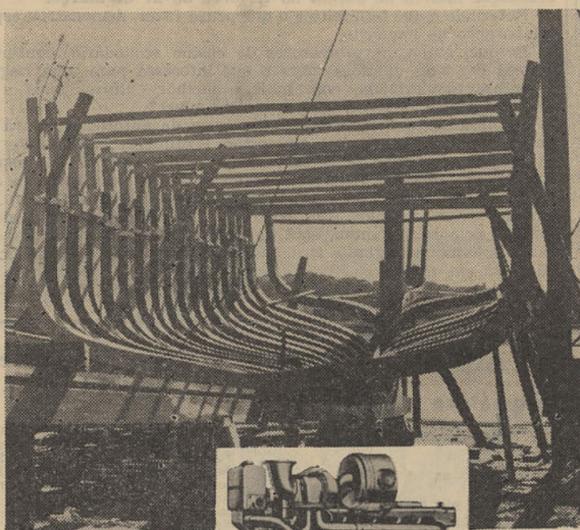
Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

PORTIMÃO
Telefone, 123

LOULÉ
Telefone, 62002

o motor CAT

aguarda a sua vez...



pois ele sabe que a sua qualidade contribuirá para o sucesso da faina pesqueira

CATERPILLAR

STET

SOCIEDADE TÉCNICA DE EQUIPAMENTOS E TRACTORES, S.A.R.L.
PRIOR-VELHO (SACAVÉM) · BEJA · PORTO · COIMBRA · LEIRIA

Prédios novos

Prédios novos ou Andares em Propriedade Horizontal, vendem-se e alugam-se.

Tratar com José Pereira Júnior e J. S. Carrusca. Estrada da Penha, Telefones 23549 e 22683 — FARO.

Comparticipações

O sr. ministro das Obras Públicas concedeu 110 contos à Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, para o caminho municipal n.º 1250, construção do lance entre o caminho municipal n.º 1249 (Cruz do Morto) e Portela, 1.ª fase (terraplenagens e obras de arte correntes do lance entre Venda Nova e Portela, na extensão de 1.305 m); 58 contos à Câmara Municipal de Faro, para pavimentação da Rua de Almeida Garrett, naquela cidade (2.ª fase); e 84 contos à Junta de Freguesia de Paderne, para construção de um posto de vendas naquela localidade.

ALGARVE FILHO OU ENTEADO?

(Conclusão da 1.ª página)

gista diariamente, centenas de visitantes dos mais diversos países e proveniências.

Não serve de nada manter um programa para turistas através do nosso Emissor Regional, para desviar em francês, inglês ou alemão, os nossos visitantes para outros locais até há pouco consagrados como zonas de turismo em Portugal, fora do Algarve. A preferência ou opção do turista é nitida, clara, decisiva, manifesta-se exuberantemente, nas praias, nas lojas, nos supermercados, nos «self-services», nas artérias de qualquer vila ou cidade e até nalgumas aldeias.

Um plano turístico, seriamente elaborado e à escala nacional, deveria ter como base o fulcro algarvio, a sua irreversível projecção no encaminhamento turístico para o Algarve e não querer por via da desclassificação ou desfeiteamento deste, obter uma preferência que só este consegue monopolizar e reunir.

Tudo isto vem a lume para afirmar que mais uma vez o Algarve foi considerado região enteada do todo nacional. Não basta ter já combolos cansativos e incómodos, com itinerários alongados e de reduzidas e escassas velocidades, mas ainda ter sido recentemente retirado do plano das auto-estradas nacionais.

Porquê esta ofensa ao Algarve? Porquê esta má vontade pelo Algarve?

Construída a Ponte Salazar, elemento de encaminhamento de viajantes de e para o Algarve, porque se não há-de dar prioridade à construção do prolongamento da Ponte que seria, logicamente, uma auto-estrada?

Surpreende, com efeito, que a

região que deveria ser prioritária na concessão desses melhoramentos, não haja sido considerada nesse plano.

Enfim, nós, algarvios, sentimos e lamentamos essa má vontade, mas continuamos confiados que os turistas não faltarão aqui, porque é aqui que eles se sentem bem, com divertimentos ou não, mas com um sol e uma temperatura, sem igual na Península. Os nossos irmãos espanhóis também o sentem e procuram aproximar-se de nós, influndo para que Espanha e Portugal se sintam ligados pela ponte sobre o Guadiana, mas os nossos irmãos portugueses, esses, parece que só se sentem bem afastando o Algarve ou tornando mais remota a sua distância.

Grande erro esse, que o tempo e o acentuado movimento turístico não-de desfazer, cedo ou tarde, não de tornar mais profundo e relevante num futuro próximo.

R. P.

Selos

COMPRO — VENDO PORTUGAL (Continente e Ultramar) TUDO EM FILATELIA M. DO NASCIMENTO APARTADO 112 — FARO

Armazém em Olhão

Junto à doca de pesca com 750 m², de área coberta e grande quintalão, ALUGA-SE. Resposta ao Apartado 49 — OLHÃO.

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL

«SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas

Electrobombas para água sob pressão

Electrobombas para vinho e líquidos especiais

MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS

Rebobinagens — Balastros

ELECTRO ALFA, LDA. — Cutama — Aroosa — PORTO

QUEM BEBE VINHOS
ARRUDA
NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre a sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora
DEPOSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA-telef. 264-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO-telef. 148-ALMANCEL-telef. 34-MESSINES-telef. 8 e 99

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
ESTABELECIMENTOS TEÓFILO FONTAINEAS NETO COMÉRCIO E INDÚSTRIA, S.A. L.
TRAFALGAR 2, LIS. 101 • TEL. 2 1 21 • C. A. 1021, 1.º
2, 5.º • R. NEHRETT • ALGARVE • PORTUGAL

Cantinhode S. Brás...

Estaremos riscados do mapa?

A GRANDE e pequena imprensa apre-
gam em ar de justificada festa,
que o Algarve dentro dos próximos cin-
co anos vai beneficiar de benesses go-
vernamentais, usufruindo do bonito bolo
de trezentos mil contos em investimen-
tos de carácter turístico.

Preparando-se para tão monumental
divisão, deu-nos conta no seu noticiá-
rio o Emissor Regional do Sul, de
apressadas reuniões dos diversos inte-
ressados. Os presidentes de quase to-
das as Câmaras Municipais algarvias,
não dormem na forma, deixando para
amanhã o que podem fazer hoje e cor-
ram pressurosos com noção de lugar
atrassados, não só a galinha dos ovos
de ouro, chocar ou bater a asa. Em
«bate-papo», à boa forma brasileira,
cada um procura chegar a brasa à sua
sardinha (só merecendo dos seus mu-
nicipais louvores por essas atitudes),
procurando o maior e melhor quinhão,
e arriscando a manga até onde pos-
sível for.

Ouve-se o referido emissor e ficamos
sem pinga de sangue porque na disputa,
S. Brás de Alportel, parece não ter
tentado um «sprint» para manter pre-
sença na mesa redonda. Ou teria vindo
amentado a razão por onde as informa-
ções fornecidas ao público fal-
vez não. Vencidos e convencidos da
nossa prévia ineficácia, antes da gene-
rosa partilha (segundo parece conti-
nuamos a ser parentes afastados em
último grau), será possível que igno-
ra os locais de estranha atracção turís-
tica, acamados em postos de lado, a
sangue frio, sem um brado impetuoso
de inconformismo?

Faz lembrar o pai, que à hora de
partir para o outro mundo, legou só aos
filhos que menos precisam as suas co-
nomias, enquanto os que levaram a
de sacrifício a razão por onde ficam a
«cambiar no avião», como se fos-
sem bastardos, ou de núpcias com se-
paração de bens. E no entanto, os pa-
cientes deserdados, desprezados no ac-
to do testamento, também trabalharam
no mesmo nível para que se pedissem
na distribuição do seu legado, atingin-
do volume tão notório.

Somos realmente humildes, com ten-
dência de vestir penas de pavão e fazer
figura de ricasos, mas depenadinhos
como galo de entrudo. Estamos persua-
didos de que não precisamos de essas
marcas para nos fazerem sentir as
faltas. E hábito não damos um pas-
so em frente para prejudicar os herde-
iros de futuras regalias — mas conte-
mos com isso — teremos de apresentar
o saldo do nosso procedimento ao tri-
bunal da consciência. Os filhos, quando
atingirem a maioridade perguntarão ao
proprietário a razão por onde na altura
de uma partilha tão pródiga encolheu
os ombros e não procurou meios de
evitar injustiças, reivindicando o que
legitimamente lhe pertencia.

Este quadro que se desenha na mi-
nha mente, se é que não se fez ali-
mentado para o estado, é que nos
pertenceria à mesa desse orçamento,
que caiu um tanto inesperadamente
sobre o nosso Algarve. Inesperadamente,
mas com toda a justiça, e que deveria
ser de trezentos milhões em vez de
trezentos mil. Não queremos mal a nin-
guém, e que não iver unhas é que toca
vola.

Decerto está no espírito da entidade
doadora uma distribuição equitativa,
que não dê margem a escândalos e re-
paros, nem faça de uns filhos e de
outros enteados.

Nós, por enquanto, temos boa maté-
ria-prima no património turístico algar-
vio. Temos a nossa vida própria, inde-
pendente, e devemos pedir a palavra em
todas as circunstâncias, apesar do con-
celho ser pequenino, pouco industrial
e de os seus filhos não assimilarem
grandes lúps de um património local.
Temos água por todos os lados e não
metemos água... e uma paisagem
que pede meças às dos restantes
concelhos algarvios, com ares saudá-
veis, ribeiras, montes e vales onde bro-
tam urzes e encantos virgínicos.

E um pedaço bucólico, de azenhas e
molinos, que seria um paraíso em qual-
quer parte do mundo. Se no-lo pudes-
sem arrebatrar, faziam dele o céu. Te-
mos tudo como na farmácia e talvez
por isso, ficamos indiferentes à luta
que se vai processar em busca do maior

quinhão dos milhares orçamentados.
Não metemos o bedelho, e se os outros
quiserem, que venham até cá, pois al-
guma coisa se arranja fazendo um jeito,
ordenhando a vaquinha! Pedir? Somos
mendigos?

Dessa fabulosa quantia, quanto nos
poderia pertencer? Des mil contos?
Para quê? Não precisamos de prelu-
dícios os que precisamos mais do que nós.
Somos riquíssimos, nadamos em dinhei-
ro! Apenas há o senão de essa massa
estar na mão de meia-dúzia de unhas
de fome, que nem a tiro a arejam.
Para que mais comentários?

F. CLARA NEVES



Obras anunciadas cuja realização tarda

N OS últimos tempos, vários melhora-
mentos foram anunciados para a
Fuseta, de cuja realização já já os usua-
rios duvidam, mas cuja demora em en-
trarem na fase executiva nos permite
algumas conclusões:

Para tratar de alguns deles, estiveram
entre nós destacadas personalidades e
este facto, bem como a seriedade de
atitudes e o interesse sempre revelado
pelos presidentes do Município e da
Junta de Freguesia garantem-nos que
se efectuarão. Quando? Esta é que é a
grande pergunta, a interrogação maior,
o motivo que afinal motivou este es-
crito.

Mas recordemos as obras programa-
das, pelo menos aquelas que se supunha
já estivessem nesta altura em adian-
çada fase de construção e que já mesmo
algumas concluídas:

A Avenida Marginal, paralela à Mata
(uma das mais vultosas realizações pro-
cessadas na Fuseta nos últimos anos)
tem o projecto aprovado. Trata-se de
uma obra de custo superior a 300 con-
tos, que nos dizem já estar comparti-
cipada e que, a concretizar-se, ficaria
como uma artéria digna de qualquer
dos nossos aglomerados populacionais
importantes. Obra necessária, ela vem
não apenas com a visão do futuro, com
que importa encarar esse mesmo fu-
turo, mas abrir possibilidades de valo-
rização a curto prazo. Estas e que-
las casas de reduzido tamanho podem
e devem crescer e alindar-se e o acesso
à lota far-se-á por mais amplos cam-
inhos do que agora se processa. Logo
que os jornais falarem da obra, todos
nos entusiasmaríamos, mormente ao ver
o projecto, mas quanto ao seu início...

Bem perto e integrado na urbaniza-
ção geral que da zona se pretende fa-
zer vai a Junta de Freguesia erguer um
recinto desportivo, que ficará anexo à
sede social do Sport Lisboa e Fuseta.
É a par do incremento à prática des-
portiva, e das modalidades pobres, seríamos
um local para diversões de que a noiva
branca do mar anda de há muito care-
cida. O Verão aproxima-se a passos
largos. Este ano prevê-se o maior aflu-
to turístico de sempre e portanto a
possibilidade de promover espectáculos
e variedades. Mas haverá por aí quem
saiba dizer quando é lançado o primeiro
tijolo? Pela nossa parte confessamos
que não.

No terminal da nova avenida (zona
nascente), já efectivar-se o empedra-
mento da rampa em barro, ali existente.
É uma obra de grande necessidade para
a classe piscatória, e mais quando urge
proceder a reparações nos barcos. Em
Outubro do ano transacto, tudo foi
equacionado: oferta da pedra necessá-
ria e das verbas que os trabalhos es-
tariam. Alegria compreensível de todos
os beneficiários e de modo especial dos
pescadores. Há dias, porém, que a
coisa ainda não estava em execução,
porque se estuda uma rampa de maiores
dimensões. Certo, é de aceitar e louvar
(apesar da frota pesqueira local estar
em decréscimo), mas diga lá, amigo
leitor, se já não é tarde. Nem a primeira
das obras programadas tem início!

Mas há mais: para a pavimentação da
parte que falta do Largo da Igreja
(acesso à residência paroquial e ao
Posto da Televisão) e que vários es-

Concurso Knorr

100,000,00

EM BARRAS DE OURO

RESULTADO DO SORTEIO REALIZADO EM 15 DE ABRIL DE 1970

SOB O CONTROLO DAS ENTIDADES OFICIAIS

1.º PRÉMIO

100 CONTOS EM BARRAS DE OURO

MARIA FERREIRA FONSECA COIMBRA

Rua Filinto Elísio, 6-1.º-D.º - Lisboa

2.º A 5.º PRÉMIOS

TELEVISORES PORTÁTEIS NATIONAL

Maria Helena Matos — Rua Infanteria 16, n.º 11-r/c. — LISBOA — Marina Amélia Gomes Monteiro — Mercado Muni-
cipal, 25 — AVEIRO — Maria Arlete Silva Saraiva Reis — Rua 5 de Outubro, 6 — ABRANTES — Sofia da Silva —
Rua Diamantina, 348 — PORTO

6.º A 10.º PRÉMIOS

MÁQUINAS DE COSTURA SINGER

Maria Nobre — Rua Antonino de Sá, n.º 2-B — LISBOA-4 — Antónia Damásia Augusta — MONTARGIL — António Manuel Cortesão — Rua
Dr. Farinhote, 675 — MOREIRA DA MAIA — Virginia Fernandes — Rua João Eloi, n.º 1, 1.º — SETUBAL — Salvação Gonçalves Mendes
— Rua Cândido dos Reis, 26 — SINES

11.º A 110.º PRÉMIOS

RELÓGIOS DE PULSO LATINO

Maria das Dores Martins - Lisboa — Júlia Rosa Pinheiro - Santarém — Joaquim Carrasqueiro de Sousa - Casais de Matos (Batalha) —
Maria Victoria Dores - Águas de Carasona (Beja) — Virginia de Jesus - Porto — Maria Helena Melo Adrião - Viana do Castelo — Maria
Paixão Ferreira - Jagueiros (Viseu) — João Machado - Braga — Maria Teresa Matos Correia - Abrantes — Maria Emilia Rosa da Silva -
Labruge (Vila do Conde) — Maria Nascimento Rodrigues - Celorico da Beira — Graça Maria Fernandes Fontes - Lisboa — Carlos Manuel
Brito Sancho - S. Brás Alportel — Manuel Reis - Abelheira (Cacém) — Júlia Rosário Folhas - Peniche — Carlos Silvestre Pita - Azambuja
— Arlete Seabra dos Reis Gomes - Fogueira (Sangalhos) — Rufina Forte - Areosa — Maria Conceição Moreira - Porto — Maria Isabel Moura
e Silva - Lisboa — Manuel António Botelho - Golfeiras (Mirandela) — Emilia Jesus Carvalho - Marrazes (Leiria) — Maria Eduarda Modesto
- Santa Bárbara (Beja) — Maria Teresa Santos - Silves — Cecília Pereira Miranda - Lisboa — Inácia Maria Glórias Courela - Estremoz —
Ana Marques - Panóias — Maria Graça Gonçalves Santos - Lisboa — Ana Ribeirinho da Silva - Mora — Antónia Eleutério - Torrão — Maria
Fernanda Pestana - Monte Estoril — Irene Conceição Coelho - Lisboa — José Pereira - Lisboa — Alice Lopes G. Galveias - Cacém — Maria
J. Ramos - Lisboa — Isabel Maria Barbosa - Penafiel — Florinda de Carvalho - Foz do Douro (Porto) — Maria Clara P. Correia - Lisboa —
Arcanja Conceição Nobre - Lisboa — Maria Luísa do Nascimento - Tavira — Colégio S. José - Mangualde — Cândida do Céu Esteves -
Mirandela — Ilda Mota Figueiredo - Penamacor — Maria Almira Vieira - Lisboa — Maria dos Anjos Rodrigues Rabaçal - Santarém — José
Nunes Vicente - Alverca do Ribatejo — Maria Lutétia Cartaxo Melo - Lisboa — Maria das Dores Marques - Algés — Maria Mercês Franco
- Olhalvo (Alenquer) — Maria Luísa da Ponte Santos - Lisboa — Isabel Gomes - Lamarosa (Torres Novas) — Maria Júlia Monteiro - Porto
— Deolinda Fonseca - Queluz — Maria Emilia Monteiro - Porto — Maria José Rebelo - Freixo de Espada à Cinta — Maria Manuela Duarte
Silva - Porto — Maria Santos Correia - Mirandela — Maria Rosa Alves - Lisboa — Jacinta Rosa Malveira - Évora — José Rosário Corrente
Nisa — Maria Teresa Magalhães Oliveira - Lisboa — Isabel Correia - Lisboa — Maria Perpétua Fernandes Coradinho - Lavre — Olinda Maria
Lucas Marques - Bulguieira (Torres Vedras) — Rosa Maria Dantas Leite - Lisboa — Adelaide Teixeira - Santar (Nelas) — Maria Filomena
Gomes Borges - Coimbra — Antónia Veiga Frade Vargas - Cacilhas — Maria Fernanda Martins Leitão - Alferrarede — Teolinda Guerra
Bizarra - Estremoz — Zélia Nunes Marques - Caldas da Rainha — Josefina Vicente Lourenço - Portalegre — Maria Graça Guerra Lé Corte
Real - Coimbra — Maria Isabel Antunes - Guarda — Ana Henriques Miguel Alves Lopes - Porto de Mós — Rosa Amélia Gomes - Rio de
Mouro — Amélia Albina Rodrigues Alves Santos - Bragança — Aldina Rosa Mota Ramalho Marques - Alcanena — João Cachim -
Ilhavo — Branca Conceição Rocha - Porto — Aurora Lopes - Vieira do Minho — Silvína Maria Realinho Tavares - Urra (Portalegre) — Maria
Helena Perdigão Nogueira - Aldeia Rica (Azetão) — Fernanda Pancas Penetra - Lisboa — Maria da Ascensão Gonçalves - Lisboa — Maria
Libânia Gonçalves - Oihão — Júlia Galamba de Oliveira Vieira - Olival — Maria Celina da Silva e Serra - Estarreja — Josefa dos Anjos
Martins - Cinfães — Júlia da Conceição dos Anjos Pires de Jesus - Lisboa — Emilia Maria Vinhas de Seixas - Bragança — Maria Dolores
Agra Vidal - Ilhavo — Luísa Luís Madeira - Mira de Aire — Ilda da Conceição Gonçalves dos Santos - Lisboa — Maria Isabel Marques Pires -
S. Miguel do Rio Torto — Mário António Machado Espadaneira - Viana do Alentejo — António José da Costa Bento - Faro — Inácia Maneiros
Costa - Aljezur — José Augusto Cunha - Portel — Olga da Silva Bernardo - Lisboa

O prazo de levantamento dos prémios termina em 15 de Outubro de 1970.

Knorr é sabor de qualidade

Mais de 40 anos de experiência...

Em feridas infectadas
FURÚNCULOS
E ANTRAZES

PASTA "SANO"

CONTRA A FURUNCULOSE

LABORATÓRIO "SANO", V. N. GAIA

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS.

critos tem merecido, somos informados
de que o único impedimento é a falta
de calceteiros. Até quando subsistirá
esta falta?

Mais, muito mais haveria a referir,
mas queremos terminar este já longo e
lamentoso «Alto da Torre» com um re-
parado que continua sendo um espinho
cravado na pele de todos: o apeadeiro
denominado «Fuseta A», afinal a ver-
dadeira estação ferroviária desta terra,
dada a sua proximidade do burgo. En-
tidades competentes e responsáveis que
repetimos, nos merecem o maior cré-
dito, garantiram-nos há meses que atra-
vés dos contactos efectuados, a cober-
tura ia ser um facto e para muito breve.
«Tudo em ordem e desnecessário fazer
mais qualquer esforço junto da C. P.»
Afinal, haverá por aí quem nos saiba
dizer quando é que as casas do bairro
deixam de servir de apeadeiro?

JOÃO LEAL

Para Vila Algarvia
Região Turística

Necessita-se de médico-di-
rector para seu hospital.

Remuneração adequada.

Resposta a este jornal ao
n.º 12930.

Grande interesse pelo Concurso Nacional de Bovinos da Feira de Santarém

Um dos acontecimentos mais relevan-
tes, de maior interesse económico e
grande actualidade, do programa da
Feira Nacional de Agricultura é sem
dúvida a realização do II Concurso Na-
cional de Bovinos.

De todo o País, incluindo os mais
reconditos locais, estão a surgir mani-
festações de interesse pelo empreendi-
mento e a inscrever-se não só grandes
como médios e pequenos criadores.

O êxito alcançado pelo I Concurso le-
vado a efeito há três anos e a circuns-
tância de os Serviços Oficiais apoiarem
esta realização constituem motivos jus-
tificativos do interesse que está a man-
ifestar-se em todo o País, tanto da
parte dos proprietários de animais pro-
dutores de carne como de trabalho ou
de leite.

No intuito de fomentar uma activi-
dade de grande importância para a
economia agrária do País, foram atri-
buídos pelo Ministério da Economia

prémios pecuniários muito signifi-
cativos.

O concurso admite a participação de
animais das raças Mirandesa, Barrosã,
Arrouquesa, Marinhoa, Maronesa, Ga-
lega, Algarvia, Alentejana, Mertolenga,
Holando-Portuguesa ou turina, Andá-
luz ou Avilheira, Retinta ou Estreme-
luz, Berrendo em Negro, Charolês,
Hereford, Limousine, Normanda, Salers
e Devon. Na raça Mertolenga, serão
consideradas as subsecções de perfil
recto e subconvexo.

Neste certame, que se espera venha a
ser extraordinário pelo número e nível
dos animais participantes, estarão pre-
sentes muitas centenas de cabeças.

O concurso realizar-se-á em Santa-
rém nos primeiros quatro dias da Feira
Nacional da Agricultura, que, por sua
vez, durará 15 dias, ou seja de 7 a 21
de Junho próximo.

«Cottages to let»
Chalés para alugar
Near the Pousada

Informa J. N. Chaveca —
Rua Luís Bivar, 44 — S. Brás
de Alportel — telef. 42381.

Barranqueiro & Estêvão, Lda.

Avenida da República, 210 a 214

OLHÃO

Orgulha-se de ter merecido a preferência da CASA SILVINO de Faro, para o equipamento do seu estabelecimento no qual utilizou exclusivamente

estanteria

mebunik S.L.B.A.O.



Silvino Manuel R. Correia

Comunica a abertura do seu estabelecimento CASA SILVINO, na Rua Baptista Lopes, 19 em Faro e informa que todo o equipamento foi confiado à firma Barranqueiro & Estêvão, Lda. com sede em Olhão.

A associação fugiu-nos dos dedos

(Conclusão da 1.ª página)

de São Brás. Nem os pais deixam!

Mas no povo, a vontade de recuperar a associação, a convivência, o falar com humanismo e o ouvir, a ironia característica do algarvio ainda existe. Existe sem organização. Dispersa. Subindo até à Pousada na segunda-feira de Páscoa para comer o folar. O Folar. Ou então existe lenta e vaga no almoço de 1.ª de Maio ali na Fonte Férrea. Existe ainda misturada, brotando à força nascendo da multidão na procissão do Domingo de Páscoa. Dêem uma tocha com flores e uma garrafinha de bom medronho ao homem de São Brás de Alportel e ei-lo a gritar dentro do *Atelua* inabafável a voz da convivência, da humanidade. «E durante uma semana as vozes dos homens não se percebem à força de tanta gritaria». Disse-nos. A garrafa da aguardente aquece a voz, a voz de um espírito quente mas de cujos dedos a associação fugiu. «E querem acabar com a procissão por causa da garrafinha. Dizem que gritam mas não é com fé. É pelo medronho». Disse-nos. Mas não é pelo medronho; é pela grande vontade interior, que mora no peito de cada algarvio, de dar voz à associação. *Atelua* em São Brás ou vivas soberbos e pesados como o cerro da Piedade em Loulé, eis a prova de que o algarvio não é individualista. O povo,

Mas nós íamos rapidamente em passeio. Velhas fábricas de cortiça, rostos cansados, economia longe deste tempo. Um emigrante polemizava com o polegar um português afrancesado, com transplante vulgar. Talvez com razão.

— Não há racionalização do trabalho por aqui. Disse um de nós. Podiam produzir muito mais e isso não acontece. E o outro acrescentava: — a associação aqui está ao nível do clubismo, da competição, do pontapé. Cooperação?

Passámos por Santa Catarina (dentro). As pessoas no mesmo jeito. No exercício de olhar planeando e desfazendo comadrias, vizinhanças. Linda terra Santa Catarina. Depois Fonte do Bispo. Evolução semântica de qualquer fonte, casario de linhas sempre inesperadas, aventura. Casario livre. Portas em arco, cimbalhas trabalhadas parecendo chaminés reflectidas, o azul e o amarelo zombando-se no branco obsessivo, deodor dos olhos.

Em Prego começa a mentira dos

que afirmam que o Algarve claro e ocioso apenas existe na arrebenção do mar ou na sangria das noras nas hortas. E Santa Margarida aparece de surpresa naquela casa onde o gesto de prosseguir o arabesco e a vontade de reter aquelas suaves cores quase nos leva à loucura. Qual brecha polida de qualquer palácio de Florença? Ali? E aquele recanto, aquele jardim ao pé da igreja? Que belo lugar para uma leitura de poemas de nervo em qualquer noite ou em qualquer dia.

Passámos sem sentir sobre ribeiras; do Monte de Lagares, das Ondas, das Pernadas, da Asseca. A preparar o Gilão que consciencializa e emudece Tavira. Cidade de dedos acusadores, desmorteados, pedindo crescente. Tavira: um monumento inteiro onde a gente pode entrar. Onde resta o mar e a beleza inexplorada pelos olhos e pela associação que também aqui fugiu dos dedos. Rua dos Machados, Rua do Poeta Isidoro Pires, ruas, tantas ruas bela Tavira de rosto tapado mal habituada ainda à crença do godó. Cidade-apelo, cidade-futuro como todas as cidades e mais do que as outras: cidade-espereira. Um voto nosso para Tavira: trabalho e humanismo.

A caminho da Picota: os homens a jogar à malha. Porque no domingo a associação lhes fugiu dos dedos. Os maiores e seus rebanhos de lombo impaciente. Ao domingo, dos dedos. A caminho da Picota: ali naquela encosta a pique, são bichos ou são pedras? Parámos. Os olhos. Um rebanho conhecendo a terra. Ao domingo. No ritual do xisto cinzento aqui, ali num polido quase absoluto que o sol pregava aos olhos. Não haverá um escultor que troque o granito e o mármore pelo xisto? Obra mais provisória, obra mais dos dedos.

As folhas dos raros eucaliptos pareciam navalhas em exposição para desconhecida estratégia. Ferozes abanando num céu sem fundo. Mais ferozes ainda se a gente as confrontava com as flores: a esteva, o alho bravo, o rosmarinho, o alecrim, o ninho de malmequeres, as papoilas, as favas.

De regresso, no muro de uma portada, nem inscrições, nem nomes, nem glórias: apenas em relevo, num relevo silencioso duas garrafas e dois cantis modelados de cal e areia. Num domingo. De dedos algarvios fugidos. A gar-

EMIGRANTES

(Conclusão da 1.ª página)

res!». O grito, Francisco calou, a irmã um olhar de infinito, esgar esticado nos lábios criança. E dia após dia o pai abalava, madrugada noite. Enxada, canto, terra no ferro, noite caíndo vinha. Açorda, casa pequena perdida modesta, filhos muitos, mesa, Francisco não chora. Não chora. O homem é alto, cadavérico, tem rugas. E um dia diz isto na dá nada há que mudar de vida. Ou nem diz. E sim. O tempo desfila. Neste instante é cinzento, nubla a montanha, o céu um recorte. A bata branca da irmã de Francisco traz a insegurança da origem. E o campo no rosto. Os gestos são campo. Livros, mão, sai pelo carrilho de mulas, atrás há as flores, amendoiras, Feveireiro, quadro de cor a enfeitara a casa pequena lisa branca onde Francisco espera a bata branca. O pai diz nas cartas assim um homem é gente, trabalha mas é gente, havemos de fazer casa aqui, um dia. A mãe cose menos, a cozinha tem-na: são muitos filhos, há que cuidá-los, o Joaquim quando vier há-de gostar de vê-los com faces. E todos os dias a bata branca despenda a caminho do saber, cada vez tem menos o campo no rosto, os gestos do campo. Mas lá atrás e sempre há a montanha, o recorte do céu, o sol, as árvores, a terra, casa pequena branca perdida além. Ar. O pai virá um dia e irmão. Sem árvores, sem campo, sem montanha, sem terra. Sem Sol, com sol. E este que importa antes daquele. Sem ar. Irmão. Casa fechada, enxada sem terra a sujar-lhe o ferro. Com cabo sem mãos. E a bata branca já não pisará o caminho de mulas. Só este, caminho de ninguém. Só este e o Sol. A montanha, o céu. A terra. As árvores. Campo. Só. Só.

JOSE AMARO D. DOMINGOS

Estrumes de gados

Vende-se, posto no Algarve. Dirigir a Álvaro Martins — Telef. 21 — CASTRO VERDE.

rafa para a sede do pensamento, seja *atelua* ou viva; o cantil para a sede da boca. Ali no regresso da Picota, obra que não merecerá nenhum museu da Europa; mas símbolo do modo de fugir dos dedos.

CARLOS ALBINO

NOVOS CORPOS GERENTES

Silves Futebol Clube

Em assembleia geral foram eleitos os seguintes corpos gerentes para 1970 do Silves Futebol Clube:

Assembleia geral — presidente, dr. José Formosinho Mealha; secretários, Joaquim Sequeira e José Monteiro de Oliveira.

Substitutos — presidente, dr. Eugénio Nobre de Oliveira; secretários, António Matias Rocha e João Gonçalves de Sousa.

Conselho fiscal — presidente, dr. José Júlio da Silva Martins; secretários, Eduardo José Nunes da Silva e José da Conceição Silva.

Substitutos — presidente, dr. Joaquim Pereira Neves; secretários, José Gonçalves de Sousa e José Francisco da Silva Gomes.

Direcção — presidente, João de Mascarenhas Figueira Santos; vice-presidente, Fernando da Silva Lopes; tesoureiro, Fernando José Nunes da Silva; secretários, António Alfredo Vieira Gomes e Vítor Manuel Aço dos Santos; vogais, Manuel de Jesus Jôia e José da Cruz Santos.

Substitutos — presidente, António Mestre Mira; vice-presidente, Vicente Martins Cabrita; tesoureiro, Fernando da Silva Porfírio; secretários, António Lourenço Barroso e José Domingos dos Santos Bárbara; vogais, João da Cruz Correia e Henrique Rosa Pires.

Na mesma assembleia foram eleitos sócios honorários os srs. Carlos da Conceição Pinto, Francisco Sequeira Cantinho, Salvador Heliodoro Garcia, José de Jesus Teixeira, Joaquim da Silva Baraló, António Matias Rocha e dr. José Júlio Martins.

Vende-se

Mobiliária de quarto individual. Consta de 7 peças. Preço módico.

Informa por telefone 23601 — Faro, todos os dias úteis das 9 às 17 horas, excepto aos sábados.

Elísio Baldinho

ADVOGADO

Rua Baptista Lopes, 19
Telef. 24357 FARO

Prédio em Faro

Vende-se grande prédio na rua principal do centro da cidade, área 1800 m², frente 33 m, desocupado, excepto lojas. Trata Lopo do Carmo — Rua D. Francisco Gomes, 20 — FARO.

CORREIO de LAGOS

EVITEMOS GARAGENS NA VIA PÚBLICA

Porque a cidade não dispõe de parques que bastem às necessidades da população, pois não tem um digno desse nome, justo é admitirmos que nas ruas de menor trânsito os portadores de veículos os conservem próximo das suas residências, sem prejuízo do trânsito, com carácter provisório.

Isto, porém por períodos superiores a 24 horas, já é de reparar. No entanto, temos conhecimento de que existem viaturas automóveis estacionadas em determinados locais, prejudicando inclusive o acesso a estabelecimentos de assistência, há algumas semanas, se não meses. Solicitam a nossa atenção para o facto e a chamada aqui fica, na esperança de que o mal cesse. A Polícia procura servir, pelo que confiamos na sua acção a bem da repressão que se impõe, e se possível, sem fazer «sangue» pelo menos à primeira falta.

FALHOU A POSSE DOS CORPOS DIRECTIVOS DO SPORT LAGOS E BENFICA

Talvez porque o signatário fuge a esconder o que considera prejudicial aos interesses de qualquer colectividade, entendeu por bem iniciar a sessão da assembleia geral do Sport Lagos e Benfica marcada para o dia 25 de Abril findo, com palavras suas, tendentes não só a aclarar os sócios de que a acta da sessão de 15 não havia sido lavrada por acto censurável do presidente da direcção em exercício, expulsando do respectivo gabinete um dos secretários por motivos alheios à sessão em causa, como a expor os seus pontos de vista sobre o que se lhe afigura propício à valorização do clube, a ponto de ler o que o *Jornal do Algarve* de 25 insere sobre o assunto.

De tal, resultaram debates entre ofensor e ofendido, tendo este declarado não tomar posse do cargo de presidente para que tinha sido eleito em 18, no que foi seguido pelo vice-presidente. Posto isto, houve que procurar solução condigna e foi lembrado para presidente o sócio Fargana o que foi aceite com inteiro agrado. Este, escusou-se com argumentos justificáveis por ter o tempo tomado e desconhecer a capacidade dos elementos com que teria de trabalhar. Nova proposta para que fosse nomeado presidente que por sua vez escolheria os seus colaboradores. Recusante escolheu sócio José Bárbara, que indicou os elementos para com ele colaborarem, mas como um se escusou por ter servido o clube 2 anos consecutivos, não foi possível formar direcção a seu contento, ficando marcada nova assembleia para o dia 9 de Maio, às 22 horas, com vista a eleger os membros efectivos da direcção, pois quanto aos restantes cargos, considerados de somenos importância, não houve quaisquer discordâncias. Lá estaremos, apesar da nossa forma de conduzir os trabalhos ter dado azo a reparos desfavoráveis de alguns sócios que continuam dizendo que o clube não tem condições para praticar atletismo e se alheiam da parte cultural, contribuindo assim para que orientados os seus destinos nos moldes actuais, tarde ou nunca se consiga através da sua acção obra útil, especialmente para a juventude simpaticante do Sport Lagos e Benfica, cuja existência em nosso entender, não se justifica sem preferência por desporto e cultura.

OBRAS PREJUDICADAS PELO EGOISMO

Talvez porque os homens pensam que levam para além mundo os bens materiais que adquirem na Terra, continuam a registar-se obras prejudicadas pelo egoísmo.

Recentemente reparámos em prédios sem condições para habitação própria nas ruas Cândido dos Reis e que agrados e outro demolido para reconstrução podiam resultar para harmonia do conjunto desta. Algum que já foi e continua vítima do egoísmo de proprietário vizinho, e tem acompanhado, talvez por isso, o desenrolar dos acontecimentos desde a transacção do prédio agora demolido para reconstrução, foi-nos dizendo que por vontade do proprietário deste, teriam os prédios vizinhos sem condições, sido incluídos na sua obra pelo que se propôs pagar 3 ou 4 vezes mais do que o valor razoável mas um pediu a «bagatela» de 10 vezes mais, e outro não quis vender uns metros de terra que por salientes em relação ao seu prédio, serviam ao vizinho sem prejuízo da sua parte.

Em casos desta natureza, e para que Lagos não veja aumentar a desarmonia nos conjuntos das construções, afiguram-se-nos que ao Município ficará bem aproveitar todas as disposições legais para chamar à razão os que por egoísmo vão contribuindo para o retrocesso de uma cidade que pelas belezas naturais de que dispõe, tem jus a mais consideração quer por parte dos que aqui nasceram, quer dos que a ela se radicaram.

32 ANOS DE SERVIÇO A BEM DOS MUNICÍPIES

António José Furtado, que há pouco completou 70 anos, foi por isso dispensado do serviço que há 32 anos vinha desempenhando na Repartição de Finanças, como escrivão.

Lacobiense de alma e coração e funcionário dedicado, soube servir a grei sem prejuízo da lei, nunca se escusando a dar explicações aos contribuintes dentro dos serviços a seu cargo, e indo, em alguns casos, mais além, se o tempo e a autorização dos seus superiores hierárquicos o permitiam.

Deu, pois, um exemplo que, seguido por quem o substituir pode servir para que os contribuintes se convençam de que são bem atendidos numa repartição a que têm de recorrer constantemente.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Encontrado morto

Foi encontrado morto, na sua residência, no lugar dos Cordeiros (Santa Bárbara de Nexe), o sr. Francisco Rodrigues Freitas, de 65 anos, viúvo, proprietário.

As autoridades tomaram conta da ocorrência.

COFRE

Monobloco, compra-se. Resposta a este jornal ao n.º 12.761.

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Comentário de JOÃO LEAL

3.ª Divisão Nacional

Guia destacado da zona D e o mais isolado em todo o campeonato, o Olhanense teve no domingo a sua folga. Deveria defrontar o Sarilhense, mas como é sabido esta equipa desistiu logo na fase inicial da prova. O acesso à divisão secundária, é quase garantido e o onze da Vila Cubista está praticando um futebol de excelente nível.

Magnífica a todos os títulos a vitória do Lusitano sobre o Almada. Conseguiu dois pontos valiosíssimos na sua luta pela fuga à zona perigosa. Oxalá esta vitória sobre tão cotado adversário constitua o início da recuperação.

O Silves prossegue na senda dos bons

resultados que a turma, depois do «golpe psicológico», vem obtendo. O resultado define o bom momento dos silves.

Para amanhã, são bem difíceis as deslocações que o Silves e o Lusitano empreendem, a Sines e a Évora, defrontando o Vasco da Gama e o Juventude. Quanto à partida Faro e Benfica-Olhansense, no momento em que escrevo estas linhas nada está resolvido pela F. F. de Futebol sobre o assunto. Teremos o retorno dos encarnados de Faro? Serão afastados da competição? Perguntas a que por ora nada de resposta oficial existe.

Nacional de Juniores

E o Silves prossegue invicto. Com ele na totalidade dos 64 clubes em prova apenas a Académica e o Sporting conservam a mesma invejável posição, digna de realce, no Nacional de Juniores. No domingo, vitória expressiva sobre o Sesimbra, enquanto o Farense como se aguardava foi perder a Setúbal.

A passagem à fase seguinte, a despeito da perseguição dos sadinos, é encerrada com justificado optimismo.

Futebol particular

Partida de grande nível em Olhão

No âmbito das comemorações do 58.º aniversário do Sporting Clube Olhanense, esta equipa defrontou no domingo, no Estádio Pedreira, o onze de honra do Vitória de Setúbal. É conhecido o alto valor da turma orientada por José Maria Pedrote e a destacadíssima posição conquistada no Nacional da I Divisão.

Em vésperas da partida para o Novo Continente, onde vão disputar uma série de importantes jogos, os vitoriosos fizeram deslocar a sua formação principal. Foi uma partida do maior interesse, disputada com a maior correcção e por duas turmas que têm um padrão específico de jogo. A toda mais repousante e experiente dos setubalenses, houve sempre a resposta dum Olhanense a actuar em velocidade e em querer. Por isso se aceita com inteira justiça o resultado final.

Farense - C. U. F.

Logo à noite, no Estádio de São Luís, em Faro, efectuou-se um desafio, que está suscitando geral interesse. Ali se defrontaram as equipas de honra do Grupo Desportivo da C. U. F. e do Sporting Clube Farense. Uma partida com justificados motivos de interesse entre duas turmas que na época de 1970-71 enfileiraram entre os 14 maiores do futebol português.

Dois vila-realenses no (Independentes), representante de Angola na Taça de Portugal

A representação angolana à presente edição da «Taça de Portugal» em futebol foi este ano confiada ao «Independentes», de Porto Alexandre. Esta turma eliminou o Andorinha de São Tomé e al veio de abalada até à Metrópole para defrontar o União de Tomar.

Pode bem dizer-se que a equipa de Porto Alexandre, cidade fundada por algarvios é uma equipa algarvia em terras do sul de Angola. Grupo criado por nossos compatriotas, na turma de honra alinham dois naturais de Vila Real de Santo António, São eles: João Parra dos Santos (defesa direita), de 34 anos, carpinteiro naval e que jogou no Lusitano (recordam-se?) e Gavino da Costa Rodrigues, de 29 anos, empregado camarário.

O treinador do grupo e que de quando em quando nele ainda actua, é Manuel Gancho Júnior, exactamente esse Gancho, que fez figura há algumas épocas no serviço do Sporting Clube Olhanense.

Por capricho do sorteio, a turma designada para adversário do «Independentes», o recentemente despromovido União de Tomar é treinada por outro algarvio, Fernando Cabrita.

Com a presença do onze sul-angolano na Metrópole, pode afirmar-se que o futebol algarvio de Angola veio até à Mie-Pátria.

COLUMBOFILIA

Disputa-se amanhã a prova entre Coimbra e a capital algarvia, promovida pela Sociedade Columbófila de Faro, na extensão de 358 quilómetros. A solta está prevista para as 7 horas.

CICLISMO

O Sporting actuou na pista de Tavira

Muito público ocorreu à pista do Ginásio, no domingo para presenciar mais um festival velocipedico e desta feita tendo como cartaz o Sporting. Verificaram-se os seguintes resultados:

Iniciados (20 voltas em linha): 1.º, Ildio Marinho (Louletano); 2.º, António Guerreiro (Louletano).

Amadores: Eliminatória — 1.º António Pereira (Tavira); 2.º, José Guerreiro (Louletano). 20 voltas em linha: 1.º, Joaquim Costa (Louletano); 2.º, António Pereira (Tavira).

Profissionais: Eliminatória — 1.º, Firmino Benardino (Sporting); 2.º, António Graça (Tavira). 80 voltas: 1.º, Emílio Dionísio (Sporting); 2.º, António Graça (Tavira).

O Benfica em Tavira

Prosseguindo a série de festivais, que desde há alguns domingos se têm vindo a realizar na pista do Ginásio de Tavira, apresenta-se ali amanhã o Sport Lisboa e Benfica. A equipa encarnada será constituída por oito dos seus melhores ciclistas, apresentando os talentos igual número de competidores.

De registar o esforço que a direcção do Ginásio Clube de Tavira vem desenvolvendo, apresentando no seu beneficiário recinto desportivo algumas das mais categorizadas equipas nacionais.

Pesca desportiva

Prova de Abertura em Faro

Na praia da capital algarvia, o Clube dos Amadores de Pesca de Faro fez disputar a «Prova de Abertura», que terminou com a seguinte classificação: 1.º, Amabélio Pereira, 790 pontos; 2.º, Luciano Baião, 665; 3.º, Ernesto Neto, 610; 4.º, José Rosa, 445; 5.º, Rogério dos Santos, 440 pontos.

14.º Concurso de Pesca do Mar do C. A. P. de Olhão

O Clube dos Amadores de Pesca de Olhão leva a efeito, amanhã, entre as embocaduras interiores da barra velha e da barra nova, o «14.º Concurso de Pesca do Mar (às anchovas)». Serão disputadas quatro taças, além de outros prémios. Hoje às 22 horas far-se-á na sede do clube o habitual leilão das canas e sorteio dos pescueiros.

O Olhanense

comemorou o 58.º aniversário

Com celebrações que se revestiram do maior brilho, foram comemorados os 58 anos de vida do Sporting Clube Olhanense.

No domingo o «Sporting Olhanense», prestigioso órgão da imprensa algarvia, mandou celebrar missa lembrando os falecidos dirigentes, sócios e atletas. Foi celebrada a missa em Vila Real de São Tomé, que pronunciou uma prática alusiva. Seguiu-se uma romagem ao cemitério, tendo a cerimónia efectuada junto à campa onde repousam os restos mortais do saudoso Alexandre Campina, envolvido quantos ali jazem no sono eterno.

A tarde efectuou-se o encontro entre as turmas de honra do Vitória de Setúbal e do Olhanense, a que noutra local nos referimos.

Na noite de segunda-feira efectuou-se um jantar de confraternização que reuniu cerca de uma centena de convivas. Na mesa da presidência viam-se os srs. Ferro Galvão, presidente do Município, dr. Brito Barbosa, presidente da assembleia geral, cónego Vieira Falé, António Jacinto Ferreira, presidente do conselho geral do S. C. O., dr. Francisco Delfino, presidente da Associação de Futebol de Faro e Nelson Louro, da direcção do clube aniversariante.

À fundo viam-se o estandarte rubro-negro, os principais troféus conquistados e grandes painéis com alusões aos títulos maiores: campeão da II Liga (1935-36); campeão da II Divisão (1940-41) e campeão de Portugal (1923-24).

O repasto decorreu em ambiente de grande entusiasmo clubista. Aos brindes usaram da palavra os srs. drs. Brito Barbosa e Francisco Delfino, António Jacinto Ferreira, dr. Manuel Gonçalves, Damásio Simão e rev. Vieira Falé.

Dr. D. Olinda Galvão, esposa do presidente do Município, apagou as velas do bolo do aniversário e teve dizeres alusivos à efeméride.

O sr. José Bruno leu um poema de sua autoria, dedicado à festiva data. A sessão encerrou com palavras do presidente da edilidade, que brindou pelo Olhanense, e pelo sócio mais antigo presente, o sr. Manuel Graça.

No final o conhecido artista Rui Costa, acompanhado à viola por Luís Quintela, fez-se ouvir em alguns números, conquistando fartos aplausos.

Atletismo

Vitória individual de José Campos (Faro e Benfica) e colectiva do Boavista no III Praia da Rocha-Portimão

Mais uma prova pedestre decorreu na nossa Província, onde o atletismo criou raízes que o estão tornando num dos mais populares desportos. Desta feita, foi a terceira edição de uma das «clássicas» do pedestrianismo algarvio: o «Praia da Rocha-Portimão». Organizada pelo Clube de Futebol Boavista, daquela cidade, sob orientação da Associação de Atletismo de Faro, teve a presença de largas dezenas de concorrentes e de muito público. As classificações ficaram assim ordenadas:

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

3.ª, Esperança de Lagos, 23; 4.ª, Boavista B, 41; 5.ª, Atlético de Loulé, 42; 6.ª, Farense, 54; 7.ª, Boavista C, 67 pontos.

Prova feminina — 1.ª, Maria Madalena, Faro e Benfica, 1 minuto e 40 segundos; 2.ª, Natália Correia, Boavista, 1, 41; 3.ª, Maria José Cabrita, Boavista, 1, 42; 4.ª, Hélia Silva, Boavista, 1, 46; 5.ª, Maria Fernanda, Boavista, 1, 48; 6.ª, Ana Maria Lino, Boavista, 1, 50; 7.ª, Maria Clara Rosa, Boavista, 1 minuto e 53 segundos.

Individual (4 000 metros) — 1.º, José Campos, Faro e Benfica, 11 minutos e 4 segundos; 2.º, José Joaquim Esperança de Lagos, 11, 12; 3.º, José Paulo, Boavista A, 11, 13; 4.º, João Campina, Atlético de Loulé, 11, 16; 5.º, Carlos Manteiras, Boavista A, 11, 20; 6.º, Ezequiel Rodrigues, Faro e Benfica, 11, 25; 7.º, Arlindo Duarte, Boavista A, 11, 40; 8.º, Jacinto Silva, Boavista, B, 11, 48; 9.º, Odílio Valente, Faro e Benfica, 11, 50; 10.º, Carlos Lopes, Esperança, 11, 53; 11.º, Vitor Rodrigues, Esperança, 12, 03; 12.º, Jorge Custódio, Farense, 12, 03; 13.º, Reinaldo Correia, Atlético, 12, 04; 14.º, Fernando da Graça, Esperança, 12, 08; 15.º, José Serra, Boavista A, 12, 15; 16.º, Nelson Alexandre, Boavista B, 12, 19; 17.º, António Silva, Boavista B, 12, 20; 18.º, António Sena, Boavista B, 12, 21; 19.º, Francisco Alexandre, Farense, 12, 23; 20.º, Barros Tempera, Esperança, 12, 25; 21.º, José Silva, Boavista C, 12, 32; 22.º, Manuel Lourenço, Boavista C, 12, 34; 23.º, Eduardo Rato, Farense, 12, 35; 24.º, José Guerreiro, Boavista C, 12, 40; 25.º, Fernando Baptista, Atlético, 13, 02; 26.º, Augusto Martins, Farense, 13, 03; 27.º, Henrique dos Santos, Farense, 13, 05; 28.º, Jorge Costa, Farense, 13, 10; 29.º, Luís Figueiras, Boavista C, 13, 20; 30.º, José Gonçalves, Esperança, 13 minutos e 21 segundos.

Por equipas — 1.ª, Boavista A, 15 pontos; 2.ª, Sport Faro e Benfica, 16;

Janela do MUNDO

NIXON FALA DE VIETNAMIZAÇÃO

DENTRO de um ano, estarão no Vietname, apenas metade dos efectivos americanos que aí se encontravam em princípios de 1968, isto depois da anunciada retirada de mais 150 000 homens feita por Nixon.

O presidente norte-americano, num momento em que se agrava a crise na Indochina com a expansão do conflito para o Laos e para o Camboja, resolve informar o mundo desta sua decisão. Espectacular, sem dúvida. Resta saber-se se realista, também.

Acreditando no progresso da vietnamização da guerra, isto é, da substituição dos soldados americanos por vietnamitas, Nixon propõe-se esta importante retirada no prazo de um ano. Deste modo, mantém activa a sua política, vai ao encontro dos americanos que protestam contra a guerra do Vietname e tenta aderir à ideia soviética de que o conflito só se resolverá com uma outra Conferência de Genebra. Porque a verdade é que não é a substituição de soldados de uma nacionalidade por outra que vai resolver a questão vietnamita, pois jamais os Estados Unidos deixarão de fornecer auxílio a Saigão, quer técnico, quer militar, quer ainda económico. Mesmo sem a presença física dos americanos a guerra continuará, tanto mais que o país está irremediavelmente dividido e envolvido há longos anos no conflito.

Hoje, não restam dúvidas a ninguém de que a solução só pode ser política. Um acordo entre as partes em luta terá de ser assinado, se não com base nas conversações de Paris, que estão a marcar passo, mas talvez sob a intervenção das grandes potências, como uma Conferência de Genebra sobre a Indochina.

Bastaria um acordo de princípio para neutralizar a península, acordo que fosse aceite pelas potências em armas, e que fosse respeitado na totalidade, para um passo concreto em prol da paz, o qual abrangia, todo o Vietname mártir, mas também o Laos e o Camboja.

De dia para dia, torna-se mais urgente uma solução, pois a guerra arrasta-se indefinidamente e alastra aos territórios vizinhos. Além disso, constitui uma preocupação mundial e um barril de pólvora que engloba interesses das grandes potências. Há que opor um dique ao avanço do conflito e o melhor será cortá-lo cerce.

MATEUS BOAVENTURA

Vendem-se

Duas hortas contíguas de 6 hectares cada, com casas, a 5 Km. de Faro.

Tratar com Dinis Nunes, Rua Aboim Ascensão, 21-Faro.

CARTAS à Redacção

"A Casa do Algarve não pode fazer isso"

Sr. director

Com o título «A Casa do Algarve não pode fazer isso» publicou em 25 do corrente o Jornal do Algarve, que V. tão distintamente dirige, e assinado por T. da L. entre outras considerações, que esta Casa Regional muito agradece, o seguinte:

Entendemos que a Casa do Algarve, não pode nem deve, promover uma sessão de homenagem ao sr. Santos Cravina, como o fez na penúltima quinta-feira: Primeiro porque o sr. Santos Cravina não é algarvio e nunca prestou quaisquer serviços ao Algarve nem teve qualquer ligação com a Casa do Algarve, segundo porque o sr. Santos Cravina não é personalidade com qualquer relevo nas letras portuguesas que justifique tal homenagem.

Atribuo tais palavras à má informação prestada ao sr. T. da L. A Casa do Algarve não prestou homenagem ao sr. Santos Cravina. Esta Casa Regional odeu, e a título excepcional, ao Cendú Poético, dirigido pela sr. Marquesa de Valverde, o seu salão de festas para um sermão poético.

Agradecendo, com a possível urgência, a publicação deste esclarecimento, apresento a V. os protestos da minha elevada consideração.

Casa do Algarve, em Lisboa, 27 de Abril de 1970.

O presidente da direcção,
Dr. Maurício Monteiro

A Casa do Algarve não pode fazer isso!

Sr. director,

Embora apenas conheça o sr. Santos Cravina através daquilo que dele tenho lido, isso não me impede de, num desabafo sincero, discordar daquilo que sobre este escritor disse o sr. T. da L. no n.º 683 do Jornal do Algarve, desobedientemente, na parte respeitante ao escritor propriamente dito.

E que para se discordar do acto da Casa do Algarve em relação a este escritor, não era necessário arvorar em quilómetros da corrida do talento literário, como o sr. T. da L. o fez, desalegramente, ao afirmar: «o sr. Santos Cravina não é personalidade com qualquer relevo nas letras portuguesas para que justifique tal homenagem». Se o que estava em causa era a falha da direcção da Casa do Algarve, não tinha o sr. T. da L. que menosprezar o valor literário do sr. Santos Cravina, fosse a que pretendo fosse.

E que o facto do sr. T. da L. ter sido transferido de um jornal de província para um grande diário lisboeta não o autoriza a medir, ele próprio, o intelecto de A ou B, pois que não lhe reconheço ainda — esta é que é a grande verdade! — intelecto suficiente para medir o do sr. Santos Cravina, no campo das letras. Se o sr. T. da L. tem realmente competência para fazer medições, não será no campo das letras que ainda pode fazê-lo. Pois não basta uma pessoa dizer ou fingir ser isto ou aquilo, para ser realmente aquilo que aparenta. Se não, recordemos a bela quadra do poeta algarvio António Aleixo: Sei que pareço um ladrão / mas há muitos que eu conheço / parecendo aquilo que não são / são aquilo que eu pareço!

Se o sr. T. da L., ao escrever tão infelizes linhas, se tem lembrado do velho adágio «Não vá o sapateiro além da chinela», certamente não teria ele próprio, cometido um deslize muito maior do que aquele que cometeu a Casa do Algarve, ao homenagear, na sua sede, um escritor que não era algarvio. E que mesmo merecendo a Casa do Algarve um certo reparo por esta decisão tomada, não pode o sr. T. da L. impedir que ela procure um intercâmbio inter-regionalista, uma vez que segundo o ideal democrático, para o homem não há fronteiras, e muito menos fronteiras de intelecto. Portanto, como a Casa do Algarve procedeu para com o sr. Santos Cravina, poderá vir a proceder outra colectividade regionalista para com um escritor algarvio. E não será isto bonito? Ou o sr. T. da L. é da opinião de que os homens se devem dividir em grupos regionalistas? Quanto a mim, acho que os homens se devem unir quanto possível, e nunca desunir, só pelo simples facto de que este é algarvio e aquele transmontano ou minhoto.

E exposto o motivo do meu desabafo, espero, apenas, que o sr. T. da L., já que dá mostras de intelectual e sabedor, quando voltar à liça seja sobre quem for, o faça na linguagem correcta do jornalismo, já que ele próprio se apregoa de jornalista profissional... E para se ser realmente jornalista de altura da palavra, tem o jornalista de saber ser, antes de jornalista, homem. E quando se é homem, pratica-se jornalismo à altura da profissão, sem andar sempre com a fita métrica da literatura no bolso, pois que esta apenas serve para medir Literatura.

Quem pode impedir a Casa do Algarve de homenagear, amanhã, nas suas salas, Bocage? Que desdouro vem daí para a sua direcção ou mesmo para o algarvio? Não será este, o primeiro passo para um intercâmbio cultural inter-regional que já de há muito deveria existir em Portugal? Se estou a ver errado, que me esclareça melhor o jornalista em causa, pois que sempre gostei de aprender algo com os mestres...

J. SANTOS STOCKLER

A propósito de barbas

Sr. director,

Eu, ao escrever, a minha crónica sobre as excrescências capilares, não quis falar depreciativamente de todos que as usam, nem foi por falta de assunto, nem para melindrar o agora meu contestante barbudo, que, não tenho o prazer de conhecer, para lhe dar todas as explicações que quiser.

Limitei-me a fazer considerações especiais sobre os cabelos e barbas compridas, que me foram sugeridas, uma noite destas, ao abrir a porta a um rapasinho feitoso a quem estimo e que, ao encardir-lo, na «média luz» do pátio, me assustou verdadeiramente, por estar muito bem disfarçado com umas barbas horríveis.

Também não quis fazer literatura ou estudo etnológico sobre o uso da barba, porque há já um livro que trata o assunto, magistralmente, e se chama «O uso da barba em Portugal».

Mas quis manifestar a minha opinião. Julgo que tenho esse direito. Não gosto de ver cabeludos nem barbudos. Eu sei que os contestantes de agora, não admitem, nem concordam, nem concebem que haja uma opinião diferente da deles e atiram logo «a matar».

O mínimo que me coube no rateio foi de «miopes». Vá, lá, que não foi muito. Mas sempre quero dizer ao sr. J. M. V. P. que a barba que se usava para dar categoria, personalidade e dignidade e respeito, noutro tempo, era um tipo de barba e não um, com cada tipo e feitio, o que desequilibrava o significado daquela intenção.

E para finalizar direi: Guarde e conserve o senhor as suas barbas venerandas ou não. Eu não aceito o seu conselho porque era mais uma preocupação para mim, ter de andar sempre com «as barbas no molhos».

Cordialmente, R. P.

OS C. T. T. NO ALGARVE

Foi nomeado chefe da estação dos C. T. T. de Luz de Tavira, o sr. Otilio Fernandes Correia Dourado, técnico de Exploração.

Outro Prémio Grande

Foi vendido a semana finda aos balcões da CASA DA SORTE 24 517 — 2.º PRÊMIO — 420 CONTOS

A seguir:

Lotaria comemorativa da descoberta do Brasil

3 Sortes Grandes — 7 500 Contos
Bilhetes a 200\$00 — Quintos a 40\$00. À venda na CASA DA SORTE

Sem Dizer AVONDE...

Ora bem. Um frango assado ali em Faro, com quatrocentos e setenta e cinco gramas bem pesados, custou trinta e cinco escudos (mais umas batatas fritas). Quer dizer: em Faro, ali no sítio dos frangos assados, a função é a setenta escudos o quilo. Será pela higiene? Não, é ver as unhas de quem. Será pelo luxo? Também não, porque todos os frangos se assam nus. Sugiro então que esse restaurante elabore a ementa para o concurso da S. E. I. T.: «A melhor refeição ao melhor preço». Que elabore a ementa, mas seja a Inspeção das Actividades Económicas a decidir se valerá a pena. Rápidamente antes que quem coma a carminha a chupe até aos ossos... — C. A.

Vai entrar em actividade a Casa do Algarve em Luanda

Foram já aprovados os estatutos da Casa do Algarve em Luanda, que se prepara para entrar em franca actividade.

Foi convocada a primeira reunião magna de todos os algarvios residentes na cidade a fim de se proceder à eleição dos primeiros corpos directivos, que não de substituir a comissão organizadora, a qual decorreu no Palácio do Comércio. Além da eleição houve uma troca de impressões, com vista à estruturação da Casa, que é de desejar venha a desenvolver-se, por forma a marcar posição relevante entre as congéneres.

Casa

Trespasa-se uma casa para qualquer ramo de negócio, situada a 2 Km. de Faro, junto à Estrada Nacional, com casas de habitação e esplanada inclusive.

Trata o próprio na Rua Antero Quental, 7-1.º, em Faro ou pelo telefone: 22 488.

Anomalias que não se justificam numa prala progressiva

ARMACÃO DE PÉRA — Quem vive perto do povo e o acompanha na labuta diária, ouvindo os seus anseios, queixumes e indignações, privando nas suas alegrias e tristezas e conhecendo os seus desejos de melhorias e comodidades na vida, é que sabe, com fundamento, o que se torna necessário fazer de útil em proveito da sociedade, de forma a tornar a vida social mais evoluída, mais harmoniosa, confortável e proveitosa, para prestígio de uma terra e dos próprios governantes. Não é que o povo seja muito exigente nas suas aspirações. Ele apenas pede o que se torna imprescindível existir para que a sociedade possa viver desafogada, satisfeita e feliz, com o indispensável de comodidades no seu ambiente, de forma a não se sentir vexada perante os que nos visitam para apreciação do nosso desenvolvimento e das nossas condições naturais.

Na época presente, em que o turismo tende a desenvolver-se cada vez mais num surto de progresso animador, sendo já um dos rendimentos mais sólidos e promissores do nosso País, há que acabar com certas e vergonhosas deficiências, pois não é admissível que numa terra turística haja água canalizada sem os indispensáveis esgotos, se exija uma sanidade perfeita sem existirem urinóis e retretes públicas e que ainda andem pelas ruas carroças com uma pipa de «perfume» a embalsamar os ares puros deste nosso Algarve, num triste e demonstrativo quadro do nosso inconcebível atraso.

Em Armação de Péra, estância de turismo de nomeada internacional e uma das mais apreciadas da costa algarvia, pela grandiosidade da praia e da baía que se abre ridente, graciosa à admiração das suas belezas naturais, das grandiosas furnas e de inúmeras e preciosas praias engastadas no rendilhado dos rochedos de um encanto ex-



Cada conjunto destes compõe-se de três peças — uma blusa interior de «jersey» branco, uma saia e um casaco curto. São ambos de tecido de lã, de xadrez miúdo, branco e preto, e qualquer deles revela pormenores de grande modernismo

BRISAS do GUADIANA

TALVEZ UMA NITREIRA RESOLVESSE O PROBLEMA

VEIO ajudar bastante o propósito de valorização do concelho que anima o Município de Vila Real de Santo António, o empréstimo de dois mil contos há meses superiormente autorizado que permitirá, como já foi noticiado, a electrificação de algumas importantes zonas, que disso estavam mais carecidas.

Também noutros sectores, além do da electricidade, se nota da parte da edilidade, um empenho de melhorar que é digno de registo, salientando-se, de entre eles, o da recolha de lixo e limpeza da via pública, que embora sem ter alcançado toda a eficiência prevista (nem todo o programa camarário, neste campo, pôde ainda ser cumprido), mos-

tra-se de forma a poder ser encarado com optimismo, com alguns modernos veículos ao serviço e, nestes, pessoal diligente, a procurar dar boa conta dos diversos cargos.

O maior obstáculo que, quanto a nós, se opõe a uma melhor limpeza das ruas vila-realenses e ao desaparecimento puro e simples de algumas liceiras de mau aspecto que em certos locais teimam em formar-se, é a falta de uma nitreira, concebida em moldes modernos, onde a parte dos detritos disso susceptível pudesse ser aproveitada, e a parte restante fosse eliminada pelos meios para o efeito preconizados.

O depósito dos lixos da vila, de há muito existente próximo do Bairro do Matadouro e que se prolonga por largas dezenas de metros ao longo do fio de água que toma a forma de ribeira, junto ao esteiro da Carrasqueira, na estrada nacional n.º 124, que liga a Castro Marim, além da feia moldura que oferece a uma zona dotada de alguma beleza natural e que bem merecia outro aproveitamento, prejudica bastante os moradores do referido Bairro, pois constitui um foco permanente de moscas e outros insectos e, especialmente nos meses de Verão, exala um cheiro que também nada tem de saudável.

Livres até que a visão permanente dos lixos do depósito, próximo de uma zona habitada, tenha efeito contraproducente no pessoal encarregado de zelar pela recolha, levando-o a adiar o levantamento puro e simples das pequenas liceiras que se vão formando em alguns pontos da vila.

Pelos inestimáveis benefícios que não deixaria de trazer à higienização não só da vila como dos pequenos aglomerados habitacionais dos arredores, reverter-se-ia do maior interesse a construção da nitreira, que, supomos, traria também algumas vantagens no lado económico, permitindo transformar e aproveitar resíduos que de outro modo, ao ar livre, se deterioram com prejuízo da saúde das populações.

O Clube Náutico do Guadiana em evidência, em ténis de mesa

Vencida com todo o mérito a fase distrital da Taça de Portugal em ténis de mesa, a excelente equipa de seniores do Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António, prepara-se para receber, possivelmente ainda este mês, a equipa de honra do Sporting Clube de Portugal, ou do Sport Lisboa e Benfica, com a qual disputará, na Vila Pombalina, a fase imediata do referido Campeonato.

A equipa do Náutico é constituída por José Mendes Pinheiro, António Casimiro Mendonça, Vitor Igreja e Manuel Ferreira. — S. P.



2022 SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE

PRONTO PARA O SERVIÇO A PRIMEIRA CHAMADA

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 82 — Lagos — Remessas para todo o País.